

Jornal de Letras

Opiniões

Depoimentos

Novos Lançamentos

Entrevista

Literatura Infantil

Número:

306

Mês: Maio

Ano: 2025

Preço: R\$ 5,00



ACESSE:
www.jornaldeletras.com.br

Cacá Diegues eterno

Um dos mais respeitados intérpretes do Brasil, dotado de uma genialidade irônica e plural, o acadêmico Cacá Diegues, último ocupante da Cadeira nº 7 da ABL, deixou órfã uma legião de fãs no dia 14 de fevereiro deste ano. Cacá traduziu em filmes a identidade social, política e cultural do povo brasileiro. Um dos fundadores do Cinema Novo – movimento que, entre as décadas de 1960 e 1970, ampliou os limites da linguagem cinematográfica do país. (Por Manoela Ferrari – págs. 10 e 11)

Editorial

A Academia Brasileira de Letras (ABL) perdeu, com a morte de Marcos Vilaça, uma das suas figuras mais relevantes. Foi um grande presidente da Casa de Machado de Assis, com duas gestões maravilhosas. Movimentou a ABL, deu vida às suas várias seções, marcou presença de uma forma inesquecível. Deixará muita saudade. Assim a ABL se renova, mas a presença dos seus grandes nomes se torna eterna, na lembrança dos imortais.



O empresário potiguar Ricardo Faria recebe o jornalista Claudio Pereira e o acadêmico Arnaldo Niskier na comemoração do aniversário de 70 anos, no Country Clube do RJ.

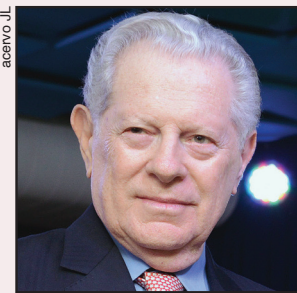
Expediente

Diretor responsável: Arnaldo Niskier
Editadora-adjunta: Beth Almeida
Colaboradora: Manoela Ferrari

Secretária executiva: Andréia N. Ghelman
Redação: R. Visconde de Pirajá Nº 142, sala 1206 – Tel.: (21) 2523.2064 – Ipanema – Rio de Janeiro – CEP: 22.410-002 – e-mail: institutoantares.info@gmail.com
Distribuidores: Distribuidora Dirigida - RJ (21) 2232.5048
Correspondentes: António Valdemar (Lisboa).
Programação Visual: CLS Programação Visual Ltda.
Fotolitos e impressão: Folha Dirigida – Rua do Riachuelo, Nº 114
Versão digital: www.jornaldeletras.com.br

O JORNAL DE LETRAS É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DO
 INSTITUTO ANTARES DE CULTURA / EDIÇÕES CONSULTOR.

Opinião Arnaldo Niskier



A perda de Marcos Vilaça

O acadêmico Marcos Vilaça, meu colega da Academia Brasileira de Letras (ABL) e compadre querido (sou padrinho de casamento dos seus filhos Tatiana e Rodrigo), faleceu em Recife, com 85 anos de uma vida intensa e grandes glórias profissionais. Além de ter presidido a ABL, com grande competência, foi também presidente do Tribunal de Contas da União, onde deixou o seu nome inscrito como autor de uma grande gestão. Foi também diretor da Caixa Econômica Federal.

Marido exemplar da querida Maria do Carmo, que nos deixou há alguns anos, tocou a vida pra frente, mas sem a mesma alegria. Sentia falta da sua companheira de sempre.

Quando adoeceu, deixou instruções explícitas com o filho Rodrigo: “Quero ser cremado e as cinzas devem ser jogadas na minha amada praia da Boa Viagem, para provar a minha pernambucanidade.” E deixou mais uma recomendação: “Como sou católico praticante, gostaria que houvesse, no Rio, uma missa em minha homenagem, de preferência na Igreja do Carmo.”

No prazo curto de uma semana, a ABL perdeu dois dos seus destacados membros: Heloísa Teixeira e Marcos Vilaça, ambos com a idade de 85 anos. A Casa de Machado de Assis está de luto.

Vilaça exerceu também duas atividades em que se destacou: Direito e Jornalismo. Atuou sempre com maestria. Lecionou durante cerca de 30 anos na Faculdade de Direito do Recife.

Dedicou sua vida literária à cultura popular. Escreveu diversos livros, entre os quais o clássico *Sociologia do Caminhão*. Foi pai de três filhos (Marcantônio, precocemente falecido, Tatiana e Rodrigo). Foi secretário de Cultura, quando escreveu o livro *Por uma Política Nacional de Cultura* (1984). Foi autor também de *Coronéis: Apogeu e declínio do coronelismo no Nordeste do século passado*, trabalho de 1965, em colaboração com Roberto Cavalcanti. Trouxe o seu talento administrativo para a ABL, que presidiu em dois mandatos. Foi íntimo amigo do presidente José Sarney, que lamentou muito a sua morte: “Foi um dos nossos maiores intelectuais, pernambucano e brasileiro.”

“Há livros escritos para evitar espaços vazios na estante.”

Carlos Drummond de Andrade

Homenagem a Andréia Niskier Ghelman



Luiz Gustavo Coppola, Superintendente do CIEE-Rio, com a homenageada Andréia Niskier Ghelman e a presidente da OAB-Rio, Ana Tereza Basílio.

Primeira mulher a presidir o Conselho de Administração na história do CIEE no Brasil, Andreia Niskier Ghelman foi homenageada na OAB Rio, com a entrega da Medalha Myrthes Gomes de Campos, que homenageia a primeira mulher a exercer a advocacia no Brasil, durante o evento A Importância das Mulheres em Cargos de Gestão, no dia 25 de março, na série de festejos pelo Mês Internacional da Mulher.

Em seu discurso de agradecimento, Andréia, também diretora do JORNAL DE LETRAS, afirmou: “É com imensa gratidão que recebo esta e tenho a oportunidade de compartilhar um pouco da história e da trajetória do CIEE Rio de Janeiro, instituição da qual faço parte como primeira mulher a presidir o Conselho de Administração – não apenas no Rio de Janeiro, mas de todos os CIEEs do Brasil. Há 60 anos, o CIEE Rio vem transformando vidas e construindo um futuro melhor para milhares de jovens e empresas. Um estudo recente da Subsecretaria de Estatísticas e Estudos do Ministério do Trabalho revela que pelo menos 7,1 milhões de jovens brasileiros, entre 14 e 24 anos, não trabalham nem estudam – os chamados ‘nem-nem’. Nós, no CIEE Rio, preferimos chamá-los de ‘sem-sem’: sem oportunidades, logo, sem perspectivas.

O Dia Internacional da Mulher, comemorado em 8 de março, marca a luta histórica pela igualdade de direitos. Desde o século 19, as mulheres lutam pela igualdade política, civil e social – e essa jornada está registrada em cada página da nossa história. A entrega da Medalha Myrthes Gomes de Campos, que homenageia a primeira mulher a exercer a advocacia no Brasil, é um importante reconhecimento da luta e da força de todas as mulheres que vieram antes e que continuam a abrir caminhos. É evidente que já avançamos muito, mas ainda há um longo caminho pela frente. As mulheres periféricas são as que mais sofrem com a desigualdade, muitas vezes arcando sozinhas com a criação dos filhos, o sustento do lar e jornadas de trabalho extenuantes. A violência contra a mulher persiste, assim como a disparidade salarial e a sub-representação na política. Ainda assim, continuamos lutando. Somos fortes, determinadas, temos sensibilidade, inteligência e uma incrível capacidade emocional de equilibrar vários desafios ao

mesmo tempo – verdadeiras equilibristas. No CIEE-Rio, temos orgulho de dizer que 76% dos nossos colaboradores são mulheres. Dessas, 54% se autodeclaram pretas ou pardas. Sinto-me honrada em ser a primeira e única mulher a presidir um Conselho de Administração de um CIEE, acreditando que isso poderá servir de exemplo para a instituição. Entre nossos estagiários no Rio de Janeiro, 69% são mulheres, e no programa Jovem Aprendiz, 60% também são do sexo feminino. Para nós, todos os dias são dias de celebrar e valorizar a mulher. Muito obrigada pela atenção de vocês e por esta homenagem. Que possamos seguir juntas, construindo um futuro com mais justiça, equidade e oportunidades para todas – em especial para aquelas que mais precisam. Sigamos firmes, acreditando e lutando para que cada vez mais mulheres alcancem seu lugar de direito na sociedade.”



Érica Arruda, secretária-adjunta da OAB/Mulher; Danielle Marçal, vice-presidente da comissão OAB/Mulher e a homenageada Andréia Niskier Ghelman.



A IMPORTÂNCIA DAS MULHERES EM CARGOS DE GESTÃO

Comissão OAB Mulher

OABRJ

Diretoria da Mulher Advogada

OABRJ

Comissão de Combate à Violência Contra a Mulher

OABRJ

E/C
EDITORA
COMUNICARE

CASA GRILL

CYBER

SECON/RJ

CIEE

WVA

W&M Serviços e Benefícios

imediate
BRASIL

CRCRJ

Breves

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com

● A ESCRITORA VERA LÚCIA DE OLIVEIRA foi eleita para a cadeira nº 38 da Academia Brasileira de Letras, até então ocupada pelo saudoso acadêmico Vladimir Carvalho. A posse será no dia 27 de junho.

● *PAUSA & LINHA: O PODER EM FERNANDA MONTENEGRO* (Pinakothe-ke), do acadêmico Joaquim Falcão, recorre a pensadores para decifrar a força do silêncio nas pausas presentes nas conversas e atuações da grande dama do teatro brasileiro.

● *CONCERTOS POÉTICOS PARA DIAS MELHORES*, segundo livro de Ronaldo Ferreira de Almeida (Ed. Apologia Brasil), traz com comentários de Ana de Hollanda, Antonio Cícero, Marcelo Mourão e Victória Troianowski Saramago.

● O MONÓLOGO *NÃO ME ENTREGO, NÃO*, de Flávio Marinho, sucesso encenado nos palcos por Othon Bastos, repassando detalhes de sua trajetória de 91 anos, está publicado em livro com o selo da Editora Cobogó.

● ORGANIZADO POR ISABEL DIEGUES E JORN KONIJN, a obra *Lina por Aldo* (Cobogó) aproxima as ideias e as obras dos arquitetos Lina Bo Bardi e Aldo Van Eyck, apresentando ensaios de autores de diversas partes do mundo

● *SIMPLES-FILOSOFIA*, COM TRADUÇÃO DE Maria da Anunciação Rodrigues para a Globo Livros, condensa as ideias que moldaram o pensamento ocidental, desde Anaximandro até a angústia existencialista de Jean-Paul Sartre.

● O *CÓDIGO DA NOBREZA* (ED. BUZZ), novo livro de Roberto Tranjan, apresenta conexão de negócios com literatura e filosofia, em diálogo que discute questões éticas, sociais e culturais contemporâneas.

● PARA CONTAR A HISTÓRIA DE AMOR entre uma mulher de 40 anos e seu chefe, Kika Bastos recorre a um vasto repertório de canções da MPB na

obra “Infinito em mim” (Ed. Lacre), com apresentação da jornalista Fernanda Grael.

● *NASCE UMA LENDA* (ED. EMO) é o primeiro romance do escritor e pedagogo Sérgio Augusto da Silva, o Seguto.

● *CARIOQUICE – AS HISTÓRICAS ENTREVISTAS DE CAPA DA REVISTA*, com coordenação de Ricardo Cravo Albin e organização de Rafael Julião, foi lançado sob o selo da Editora Batel, com o apoio da Faperj.

● COM HUMOR PECULIAR, Vinícius Portella especula sobre o futuro em *A Grande Porção de Lixo do Pacífico e Outros Contos* (Ed. DBA).

● *A FÁBRICA*, SUCESSO DA JAPONESA HIROKO OYAMADA, chegou ao Brasil pela Editora Todavia, com tradução de Jefferson Teixeira.

● PARA CELEBRAR OS 50 ANOS do lançamento de *O Jogo Interior do Tênis*, de W. Timothy Gallwey, o Grupo Editorial Edipro publicou uma edição comemorativa com introdução do empresário Bill Gates.

● A BIÓLOGA E ILUSTRADORA SABINA RADEVA adaptou, de forma acessível, com belíssimas ilustrações, *A Origem das Espécies*, de Charles Darwin, para a editora Instrínseca.

● A AROLE CULTURAL, EDITORA INDEPENDENTE especializada em obras sobre tradições espirituais africanas, lançou *Voudon Gnóstico*, primeiro livro em português sobre a tradição mágico-esotérica do aclamado ocultista Michael Bertiaux.

● EM *FAÇA A SUA PRÓPRIA MAGIA* (ED. PLANETA), Amanda Lovelace busca desenvolver o relacionamento pessoal do leitor com seu lado místico.

● AO EXPLORAR A RELAÇÃO ENTRE FÉ E RAZÃO, Karl Löwith desafia noções de progresso e propósito em *O Sentido na História* (Editora Unesp).

● UM PANORAMA DO COMÉRCIO DE LITERATURA PROIBIDA NO SÉCU-

Humor

Por Jonas Rabinovitch

jonasrabinovitch@gmail.com

DIPLOMACIA



LO XVIII – incluindo obras pornográficas – foi traçado pelo historiador americano Robert Darnton em “Boemia literária e revolução” (Ed. Companhia das Letras).

● *FRESHWATER: UMA COMÉDIA*, única peça de teatro escrita pela inglesa Virginia Woolf, foi publicada pela Editora Nós, com tradução de Victor Santiago.

● OS TEXTOS DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ reunidos em *Eu Não Vim Fazer um Discurso* (Record), com tradução de Eric Napomuceno, percorrem praticamente toda a trajetória de um dos autores mais renomados e queridos dos últimos tempos.

● UMA REFLEXÃO SOBRE O PAPEL DOS DIÁRIOS na história da literatura é a proposta da jornalista, pesquisadora e professora Ingrid Fagundez em seu livro de estreia: *Diário do Fim do Amor* (Ed. Fósforo).

● 1923: OS MODERNISTAS BRASILEIROS EM PARIS (EDITORA UNESP) reúne crônicas e ensaios inéditos, entre outros, de Oswald de Andrade, Sérgio Milliet e Emiliano Di Cavalcanti.

● EM *A PROFESSORA E A APRENDIZ* (ED. LABRADOR), Juliana Marcelino destaca a importância da educação para o desenvolvimento humano.

● ROMANCE DE ESTREIA DE OSCAR NAKASATO e vencedor do prêmio Jabuti, *Nihonjin* (Fósforo) — que significa “japonês” — é uma saga familiar contada a partir da vida de Hideo Inabata, um imigrante orgulhoso da própria nacionalidade.

● UM DOS ROMANCES NACIONAIS MAIS IMPORTANTES da segunda metade do século XX, *Jorge, um Brasileiro*, de Oswald França Jr., chega ao mercado em nova edição da Ed. Nova Fronteira, com o já tradicional prefácio do acadêmico Antônio Olinto e uma apresentação inédita do crítico e escritor Eliezer Moreira.

● O *MELHOR DOS MUNDOS* (ILUMINURAS), obra do escritor Sidney Rocha, emerge como uma jornada pela complexidade da vida, da morte e dos dilemas éticos, diante da “morte pacífica”.

● O ROMANCE *SAMBA FANDANGO* (Ed. Aboio), de Andreas Chamorro, segue a tradição da literatura brasileira que olha para o crime na periferia sem maniqueísmo.

● EM DEZ LIÇÕES E EXERCÍCIOS DE CRIAÇÃO, *Como Criar Histórias* (Ed. Seiva), da americana Ursula K Le Guin (seis vezes o prêmio Nebula e sete vezes o prêmio Hugo) ensina os elementos essenciais para a construção da prosa narrativa.

Na ponta da Língua

Por Arnaldo Niskier – Ilustrações de Zé Roberto

Carro usado

“Regina chamou Fernando para ajudar na compra do carro semi-novo.”
Dessa forma, não vai conseguir comprar nada!
Veja:
Não se usa o hífen quando o prefixo termina em **vogal** e o segundo elemento começa por **consoante** diferente de **r** ou **s**. Ex.: **autopeça**, **geopolítica**, **semideus** etc. Frase correta: “Regina chamou Fernando para ajudar na compra do carro **seminovo**.”

Uma questão de princípios

“A **princípio** de tudo devemos ter **em princípio** que poderemos ganhar essa Copa América, disse o treinador, antes do jogo decisivo.”
Ótimo! Esperamos que sim. Construção correta.
Observe:
a princípio – no início
em princípio – em tese, antes de qualquer coisa.

Pintando

“Marcos mudou a parede da sala usando a técnica do extênsil.”
Deve ter ficado muito feio! A palavra correta é **estêncil**, que significa: material plano e fino que permite imprimir e reproduzir algo numa superfície através da abertura ou cortes que se preenchem com tinta.
Frase correta: “Marcos mudou a parede da sala usando a técnica do **estêncil**.”

Porquê?

Por que a população fica nervosa na hora do jogo? **Porque** os brasileiros amam futebol. **Por que** usar o **porquê** é tão complicado? Não há complicações. Basta entender:

Por que (separado e sem acento) é para frases interrogativas diretas ou indiretas – **Por que** acreditamos que podemos ganhar a Copa América?

Por quê (separado e com acento) só é usado no final das frases interrogativas – Acreditamos que podemos ganhar a Copa América, **por quê?**

Porque (junto e sem acento) deve ser usado nas respostas – **Porque** a população merece essa alegria.

Porquê (junto e com acento) é usado quando for substantivo – Todos sabem o **porquê** do amor que a população brasileira têm pelo futebol.

Desmatamento

“A árvore cujos os frutos são pesados e destroem o passeio, foi derrubada.”

Árvores devem ser plantadas, nunca derrubadas, mas essa... Nunca use artigo depois do pronome relativo **cujo**. Ele sempre vai concordar em gênero e número com o termo que o sucede.

Frase correta: “A árvore **cujos** frutos são pesados e destroem o passeio, foi derrubada.”

Esse ou este

Esse, essa, isso são usados para objetos que estão próximos da pessoa com quem se fala, ou seja, da segunda pessoa do singular ou plural. Em relação ao tempo, é usado no passado ou futuro.

Ex.: Quem comprou **essa** blusa que você está usando? / **Esse** retiro será de muita meditação. / **Isso** que você pegou no armário é de comer?

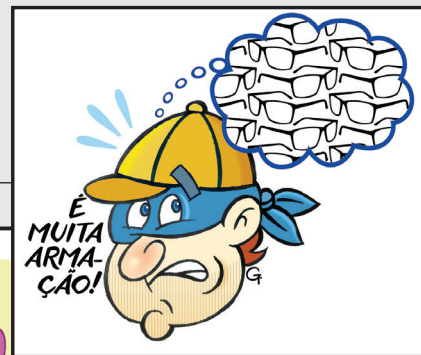
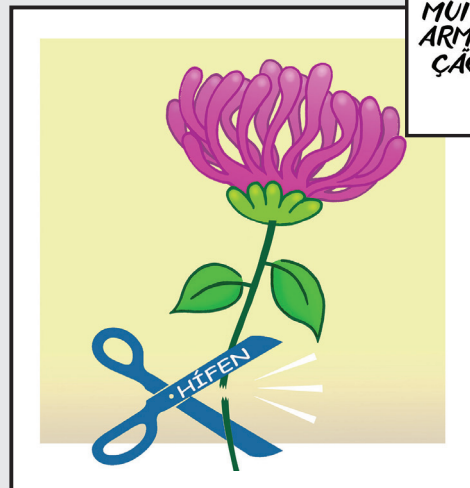
Este, esta, isto são usados para objetos que estão próximos de quem fala, ou seja, da primeira pessoa do singular ou plural. Em relação ao tempo, é usado no presente.

Ex.: **Esta** calça é minha. / **Isto** que está no meu quarto é seu?

Armação ilimitada

De um grande jornal brasileiro: “Os policiais vão tentar armar uma armadilha para pegar os bandidos.”

Não é muita armação?



Muitas flores

“Luísa adorava a rosa, mas preferiu fazer um jardim de madre-silvas.”

Não vai florescer, escrevendo assim!

Veja:

Não se deve usar o hífen em certas palavras que perderam a noção de composição.

Ex.: paraquedas, pontapé etc.

Frase correta: “Luísa adorava a rosa, mas preferiu fazer um jardim de **madressilvas**.”

Ônibus atrasado

“Juliana ficou chateada porque não chegou a tempo de pegar o último microônibus.”

Nem poderia chegar!

Veja:

Quando o **prefixo** termina por **vogal**, **usa-se o hífen se o segundo elemento começar pela mesma vogal**.

Ex.: anti-imperialista, anti-inflamatório, micro-ondas, etc.

Frase correta: “Juliana ficou chateada porque não chegou a tempo de pegar o último **micro-ônibus**.”

A Mulher Viva da saudosa Heloisa Teixeira

Por Manoela Ferrari

Uma das principais pensadoras do feminismo do país, a acadêmica Heloisa Teixeira, que morreu no dia 28 de março, deixou um projeto inédito. Trata-se da curadoria do texto de abertura do livro *Mulher Viva*, do fotógrafo Gustavo Malheiros. Com design e co-curadoria de Gringo Cardia, a obra, lançada pela Arte Ensaio Editora, traz entrevistas da jornalista Maria Fortuna com 25 mulheres numa espécie de manifesto contra a violência e o feminicídio. A edição impressa conta com uma tiragem de dois mil exemplares. A metade foi doada para o Consórcio Maria da Penha.

Professora, pesquisadora e autora de obras essenciais sobre literatura e gênero, Heloisa foi a décima mulher a integrar a Academia Brasileira de Letras

(ABL), abrindo ainda mais espaço para a participação feminina em uma das instituições culturais mais tradicionais do país. Uma das intelectuais mais influentes da crítica literária brasileira, eleita para a ABL em 2023, ocupava a cadeira nº 30, sucedendo Nélida Piñon. Atuou também no Conselho Curador da Fundação Roberto Marinho entre 2021 e 2023.

Nascida em Ribeirão Preto (SP), em 26 de julho de 1939, Heloisa formou-se em Letras Clássicas pela PUC-Rio, com mestrado e doutorado em Literatura Brasileira na UFRJ e pós-doutorado em Sociologia da Cultura na Universidade de Columbia, em Nova York. Escritora, professora emérita da Escola de Comunicação da UFRJ, membro efetivo e perpétuo da Academia Brasileira de Letras do RJ e coordenadora do Programa Avançado de Cultura Contemporânea (PACC-Letras/UFRJ), onde dirigiu o Laboratório de Tecnologias Sociais Universidade das Quebradas.

Entre suas obras, estão: *Macunaíma, da Literatura ao Cinema*; *26 Poetas Hoje*; *Impressões de Viagem*; *Cultura e Participação nos Anos 60*; *Pós-Modernismo e Política*; *O Feminismo como Crítica da Cultura*; *Guia Poético do Rio de Janeiro*; *Asdrúbal Trouxe o Trombone: Memórias de uma trupe solitária de comediantes que abalou os anos 70*; *Enter – Antologia Digital*; *Escolhas, uma Autobiografia Intelectual e Explosão Feminista*.

Morreu no Rio de Janeiro, vítima de complicações de uma pneumonia e insuficiência respiratória aguda.

O caso das três gameleiras

Por Danilo Gomes*

“Contei-lhes a minha história. Não acreditaram. Agora eu a conto ao senhor – e dificilmente posso esperar que dê a ela mais crédito do que o fizeram os alegres pescadores de Lofoden.”

Edgar Allan Poe, “Uma descida no Maelström”, in *Contos de Imaginação e Mistério*.

Às vésperas dos meus 82 anos, contei ao meu fraterno amigo escritor Napoleão Valadares o caso das Três Gameleiras. Estávamos nos lembrando de histórias antigas da nossa infância – a dele em Arinos e a minha em Mariana. Era num bar, na Asa Sul de Brasília, onde tomávamos cerveja e saboreávamos queijo de coalho, assado no espeto. Meados de dezembro, fim de tarde, boca da noite. Uma chuva miúda caía lá fora.

– E então, compadre, como é o caso das Três Gameleiras, que você ficou de me contar um dia?

Enchi nossos copos e comecei, de bom grado.

– Compadre, vou lhe contar. Na metade da estrada de rodagem entre Mariana e Ouro Preto, havia um local numa elevação, onde se viam três árvores alinhadas, altas, sombrias. Eram as chamadas Três Gameleiras. A gameleira, você bem sabe, é uma árvore grande, também chamada figueira, ficus. Serve para fazer gamelas e outros objetos de casa.

– Conheço. Às vezes chamada gameleira-brava.

– Isso. Aquelas três eram, certamente, gameleiras-bravas. É um caso de assombração, compadre. De assombração! Vamos até tomar outra cerveja.

– Vamos chamar o garçom.

Então contei o caso para o velho amigo. Agora vou contar para vocês. Não vou espichar conversa, não, fiquem sossegados.

Eu ouvi a história, pela primeira vez, quando era menino e passava férias na fazenda São João, de Nico Mol, amigo dos meus pais. A fazenda, muito antiga, de duzentos anos, com capela e tudo, ficava num distrito, no município de Mariana. Pegávamos o trem de ferro às cinco horas da manhã. A máquina bufava e apitava. Seu pequeno sino dourado tilintava, chamando os passageiros. A composição, da Estrada de Ferro Central do Brasil, partia, barulhenta. Uma viagem simples, de umas cinco horas, talvez, mas iluminada por magia, encantamento e novidade, até aventura. Apeávamos na estação de Gesteira, onde já estavam os cavalos mansos que nos levariam à fazenda, passando por mata-burros, com os acompanhantes abrindo porteiras.

Ficávamos na grande fazenda de Nico e Ninita Mol por vários dias. Um casal sem filhos, mas muitos sobrinhos. Para mim e meus irmãos, era um mundo encantado, cheio de novidades, carros de bois, curral, moinho (“munho d’água”), monjolo, paiol, amplo pasto, a casa de doces, rapaduras, queijos e requeijões...

Uma noite, depois do jantar, eu e meus dois irmãos descemos, para ouvir histórias dos empregados, num lugar junto ao curral, com seu cheiro de boi e estrume. Noite estrelada, mas sem lua, com mugidos de bois e vacas. Os peões acocorados em volta de uma fogueira, bebendo cachaça, descansando da lida do dia. Uma risada aqui, outra ali. Na escada, algumas moças vinham assuntar, curiosas.

Fumando seu cigarro de palha, Zé Cassiano, o mais velho, era o líder da peãozada, afrodescendente, capataz experiente, nascido naquelas terras. O fogo crepitava na fogueira. Um do círculo, Chico de Tanázio, também pitando e tomando mais um trago, pediu:

– Zé Cassiano, conta um caso.

– Que caso?

– Qualquer um. Pode ser o das gameleiras, lá em Mariana. Esses meninos não devem conhecer.

Tomando mais uma lapada de pinga, Zé Cassiano deu uma cutucada no chapéu, pigarreou e começou.

Uma noite, muitos anos atrás, ele comandava uma tropa de burros de carga, bem carregados, para a venda de queijos, requeijões, goiabada-cascão, frutas cristalizadas, fumo-de-rolô e outros produtos. Arrancharam por alguns dias no Rancho do Sô Catinho Camêllo, em Mariana.

Saindo de Mariana, a tropa tomou o rumo de Ouro Preto, passando pela ponte de cimento e pelo Córrego do Catete. Zé Cassiano foi indo, com os companheiros. Era de noite. Eles queriam ver o dia amanhecer em Ouro Preto.

Era coisa de 11 horas da noite quando Zé Cassiano e seus auxiliares tomaram o rumo da estrada, em demanda da antiga Vila Rica, boa praça para fazer negócio.

Quando se aproximaram das Três Gameleiras, a ventania começou a apertar e assoviar. Um vento frio assoprou, os tropeiros enfiaram mais os chapéus nas cabeças e ajeitaram as rudes capas. Olharam para as árvores, lá no alto, mas bem próximas de seus arregalados olhos. O céu, uma escuridão, estrela nenhuma e muito menos lua.

Começaram a ouvir, na toada do vento, uns sussurros, lamentos. As gameleiras se agitavam. Corajosos, mas com inconfessável medo, os homens não conseguiam tirar os olhos daquelas sombrias árvores. Julião, com voz meio sumida, declarou ter visto uma força no alto da gameleira do meio. Todos se arrepiaram. Zé Cassiano levantou a aba do chapéu e olhou, se arrepiou, não disse nada, esporeou o cavalo. Os sussurros e lamentos aumentaram. O vento assoviava feio. As gameleiras balançavam, assombrosamente. Gritos e sussurros. Geraldo de Nhazinha meio que gaguejou:

– Zé Cassiano, vamos apertar o passo!

Assustados, os tropeiros desviaram o olhar daquele sinistro e fantasmagórico lugar de gritos e gemidos. Julião repetia, nervoso, que tinha visto a força.

As Três Gameleiras, no meio da forte ventania, e os gemidos (dos enforcados?) foram ficando para trás. O céu era um breu. Ouro Preto ainda estava a légua e meia. Cada viajante pegou sua garrafa, presa à sela, junto da matula, e emborcou um bom trago de cachaça, jogando um gole “pro santo”, por via das dúvidas. Cruz-credo! As gameleiras das assombrações!

Enfim, chegaram a Ouro Preto, entrando pelo antigo Palácio dos Governadores, na Praça Tiradentes, em frente ao Museu. O dia raiava, clareava.

– Pois é, compadre. Assim foi a história que ouvi de Zé Cassiano, há décadas, lá na fazenda de Nico Mol. Até hoje essas Três Gameleiras não saíram do meu imaginário de assombramentos. Quando eu passava por elas, de dia ou de noite, de carro ou de ônibus, mal olhava. Pode ser conversa. Ou não. Nunca se sabe, há mais coisas entre o céu e a terra do que sonha nossa vã filosofia, já disse o poeta. Melhor pedir mais uma.

– Boa ideia, compadre. Garçom, por favor, mais uma.

Pela porta do bar, entrou um vento frio, muito frio. Não quero exagerar: um frio meio arrepiante. Não era inverno, não era tempo de frio. Desci a aba do chapéu panamá que a colega Kori Bolívia trouxe do Equador e me deu. Esse forte e surpreendente vento frio vinha fora de hora. Era mais forte que um vento de chuva miúda.

Do fundo da memória, me veio um arrepio. Aquele vento forte e frio parecia vir da estrada de terra de Mariana a Ouro Preto, nas lonjuras do tempo, dos meus outroras. Parecia vir das assombrações daquelas Três Gameleiras... Este mundo é um mundaréu misterioso.

*Danilo Gomes é membro da Academia Mineira de Letras.

Livros e Autores

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com



REVISTA DA ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS

A *Revista da Academia Mineira de Letras* chegou ao seu 84º número com quatro seções comemorativas, entre as quais dois dossiês. O primeiro, organizado pelo editor Rogério Faria Tavares, leva o sugestivo nome *Literatura e cidade natal*. Pensando a produção literária por esse viés originário da escrita, os textos desenharam o retrato do artista quando jovem, dando destaque ao papel de sua terra natal. Celebram, assim, representativas cidades mineiras. O segundo dossiê, organizado também por Rogério Faria Tavares em parceria com

Ana Maria Clark Peres, tem como tema Chico Buarque de Holanda, uma das vozes mais significativas da cultura nacional nas últimas sete décadas. No final, a revista traz o conjunto sempre comemorativo dos discursos de recepção e posse dos novos acadêmicos Ricardo Aleixo, Carlos Herculano Lopes e Paulo Sérgio Lacerda Beirão. Na orelha da obra, o presidente da Academia Mineira de Letras Jacyntho Lins Brandão ressalta: “Em latim, *commemoro* significa ‘lembrar’, ‘recordar’, sendo uma *commemoratio* a celebração da memória que funda e garante a continuidade de uma cultura, no movimento transtemporal de, no presente, mirar o passado para projetar o futuro.” Fundada há mais de um século, a *Revista da Academia Mineira de Letras* é uma das publicações mais longevas do Estado.

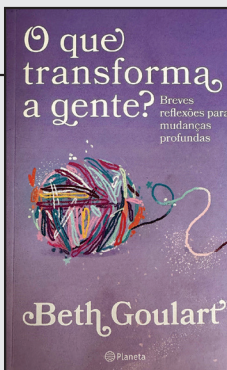
As Cinco Estações do Amor

Originalmente lançado em 2001, *As Cinco Estações do Amor* (Ed. Record), de João Almino, retorna às livrarias com novo projeto gráfico, seção inédita de fortuna crítica, com textos de nomes como Heloísa Teixeira (ex-Buarque de Hollanda), Silvano Santiago, José Castello, João Gilberto Noll e Luiz Ruffato, e orelha assinada por Adriana Lisboa. Vencedor do Prêmio *Casa de las Américas* em 2003, foi traduzido para diversas línguas, como espanhol, inglês e italiano. Narrada do ponto de vista feminino, explorando as transformações que marcaram o Brasil nas últimas três décadas, o livro contrapõe Brasília atual, marcada pela violência, à cidade que os personagens conheceram em sua juventude. Membro da Academia Brasileira de Letras, com romances publicados na Argentina, Espanha, EUA, França, Holanda, Itália e México, entre outros, diplomata e autor de ensaios literários, João Almino nasceu em Mossoró, RN. Entre os romances publicados, estão *Ideias para Onde Passar o Fim do Mundo* (indicado ao Jabuti), *Samba-enredo*, *O Livro das Emoções*, *Cidade Livre* (Prêmio Passo Fundo, finalista do Jabuti e Portugal Telecom), *Enigmas da Primavera* (finalista do Prêmio São Paulo de Literatura), *Entre Facas*, *Algodão e Homem de Papel* (finalista do Prêmio São Paulo de Literatura e semifinalista do Jabuti).



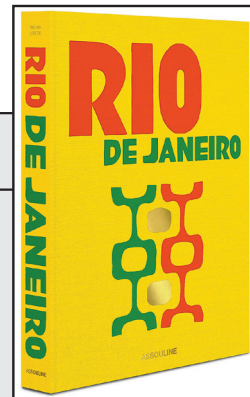
O que Transforma a Gente

O que Transforma a Gente – Breves reflexões para mudanças profundas (Ed. Planeta), de Beth Goulart, é um livro sobre transformações em todas as acepções do termo. “Vida é movimento”, lembra Beth em um dos inspiradores textos do livro, ensinando que o oposto da vida não é a morte, mas a impossibilidade de seguir em transformação. Ao longo de 158 páginas, a autora expande a capacidade de transformar o cotidiano trivial na mais fina arte. Dividido em vinte artigos, o livro nos convida a rever a vida através de suas múltiplas facetas. Beth Goulart é dramaturga, diretora, cantora, palestrante, escritora e atriz brasileira de teatro, televisão e cinema. Premiada na televisão e no teatro, transitou em diversos papéis e postos, atuando, produzindo e dirigindo ao longo de sua carreira. Como atriz, deu vida a muitas personagens literárias, como a inesquecível Clarice Lispector – uma atuação amplamente premiada – e, mais recentemente, a Simone de Beauvoir. Em 2022, fez sua estreia como escritora fora da dramaturgia, ao lançar seu primeiro livro, *Viver é uma arte: transformando a dor em palavras*. É membro da Academia Brasileira de Cultura e ocupa a cadeira número 22, cujo patronesse é sua mãe, Nicette Bruno.



RIO DE JANEIRO

A obra *Rio de Janeiro*, assinada pelo jornalista Bruno Astuto, é uma requintada publicação da editora francesa Assouline, que integra a coleção *Classics*, da série *Travel from Home* (conhecida por homenagear cidades icônicas). São 304 páginas, com depoimentos de nomes como Paulo Coelho, Anitta, Beatriz Milhazes, entre outros, incluindo mais de 200 imagens que retratam o melhor da Cidade Maravilhosa. Segunda declaração literária de amor ao Rio, o livro, que será distribuído em 50 países, se junta à publicação *In the spirit of Rio*, da mesma editora, lançada por Bruno, em 2017. Diferente da edição anterior, que focava em narrativas históricas, desta vez as imagens assumem o protagonismo, capturando o espírito carioca sob uma nova perspectiva. A narrativa faz uma imersão cultural que reflete a mudança de comportamento do carioca na última década. No texto, o autor equipara o funk, tantas vezes marginalizado, ao samba e à bossa nova. Com direção de arte de Sebastien Ratto-Viviani, o livro passeia pelo Pão de Açúcar, pelas praias e por escolas de samba. Referência em moda no Brasil, o jornalista, escritor e palestrante carioca Bruno Astuto, também formado em Direito, fala seis idiomas. Autor de vários livros, é colunista da *Revista Ela*, no jornal *O Globo*.



Os Tempos do Destino

A linguagem lírica e as metáforas usadas por Márcia Peltier tocam questões universais em *Os Tempos do Destino*, lançado pela Editora Rocco. A partir do *Eclesiastes*, um dos livros bíblicos mais influentes, a obra apresenta reflexões profundas sobre a vida, abordando temas como a passagem do tempo, as escolhas e as emoções humanas. Intercalando prosa e poesia, ao longo de 143 páginas distribuídas em 15 capítulos, o leitor é levado à consciência de que é protagonista da própria história. Cada capítulo é um mergulho em aspectos essenciais da existência, levando à compreensão da vida em toda a sua complexidade. Márcia Peltier é jornalista e escritora. Começou na televisão com o programa *Sem censura*, da TV Educativa. Na Rede Globo, foi colunista de Cultura do *Jornal da Globo*, apresentadora do *Jornal Hoje* e repórter do *Fantástico*. Como produtora independente, criou e apresentou programas nas redes Manchete, Band e GNT. Foi colunista do *Jornal do Brasil* e do *Jornal do Commercio*. É autora dos livros *Poética (mente)* — *Vida e sobrevivência de um poeta*, *As Garras do Mel*, *As Ilhas de Betacam*, *O que Pensam as Mulheres?*, *Todas as Coisas Visíveis e Invisíveis*, além de quatro livros infantis. É carioca e mãe de duas filhas.



CONCERTOS POÉTICOS PARA DIAS MELHORES

Concertos Poéticos para Dias Melhores (Editora Apologia Brasil, 2025), o mais novo livro do poeta Ronaldo Ferreira de Almeida, reúne 111 poemas que passeiam entre o erudito e o popular. A obra abrange temáticas existencialistas, amorosas e sociais, denotando a noção de que a musicalidade da poesia pode ser uma força-motriz para consertar as mazelas do mundo. O domínio rítmico e o arsenal simbólico que o autor põe em marcha convida os leitores a um harmônico passeio pelo mundo das palavras. Poeta que acredita na força da poesia e na potência da linguagem, a escrita de Ronaldo Ferreira de Almeida mereceu elogios da ex-ministra da Cultura, cantora e compositora Ana de Hollanda: “Leio Ronaldo e sinto, imediatamente, Vinicius, Neruda e outras que, com certeza, foram referências em sua apaixonada poesia”, destacou. O livro traz, também, comentários de Antonio Cicero, Marcelo Mourão e Victoria Troianowski Saramago. O autor nasceu há 50 anos, em Niterói, Rio de Janeiro. Graduado em Teologia, licenciado em Filosofia, com MBA em Recursos Humanos e aperfeiçoamento em Equipes. Lançou o livro: *O Amor Deitou Âncora* (Multifoco, 2013), com apresentação do Aldir Blanc e prefácio de Maria Celeste Machado (UERJ) e participou de algumas Antologias Nacionais e Internacionais.



Entrevista

transmitida em nível nacional, no Programa *Identidade Brasil*, apresentado, por Arnaldo Niskier, no Canal Futura.

GUSTAVO BINENBOJM

Direito nacional e internacional



Arnaldo Niskier: Hoje, com um prazer imenso, recebemos a visita do advogado, professor, homem de letras, homem de cultura, Gustavo Binbenjamen. Ele vai nos falar sobre a sua experiência como advogado, mas também sobre as questões da atualidade que envolvem ou não o direito nacional e internacional. Muito obrigado pela sua presença aqui entre nós. Quería primeiro que você explicasse o que o levou ao Direito Público, o que foi que motivou o seu interesse por esse setor.

Gustavo Binbenjamen: Eu é que tenho imensa honra e orgulho de participar do seu programa aqui no Canal Futura. Sou um telespectador assíduo das conversas muito ilustradas, iluminadas, que o senhor conduz aqui. Quero dizer que também sou um admirador de longa data do seu trabalho como educador, como intelectual brasileiro e judeu. Para mim é um exemplo e uma inspiração. Entrei na Faculdade de Direito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro com 17 anos e tive um professor que foi a minha primeira inspiração. Esse professor se chama Luís Roberto Barroso. Hoje, presidente do Supremo Tribunal Federal. Na época, ele tinha algo em torno de 30 anos de idade e tinha acabado de retornar de estudos de pós-graduação, nos Estados Unidos, na Universidade de Yale. A aula era uma festa, muito concorrida, e ele desses professores que encantam os alunos em sala de aula. Barroso era professor, depois se tornaria titular de uma cátedra de Direito Condicional. Diria que foi pelas mãos do ministro, hoje presidente do Supremo, Luís Roberto Barroso, que a minha paixão foi acendida pelo Direito Público. As aulas eram espetaculares. Foram quatro períodos de dois anos e, depois disso, eu me tornei monitor da disciplina e comecei a minha carreira de advogado, trabalhando com o professor Luís Roberto Barroso, de quem eu me tornaria, com muita honra para mim, colega, tanto de magistério como de advocacia. E desenvolvi minha carreira sob essa inspiração. Então, eu diria que foi muito por essa influência.

Arnaldo Niskier: Lembra quem era o diretor da Faculdade de Direito?

Gustavo Binbenjamen: Perfeitamente. O diretor da Faculdade de Direito naquele ano era o meu também professor de Direito Civil, Simão Isaac Benjón, que era um grande amigo e foi membro do Ministério Público; e era aquele professor de sala de aula imbatível. Mas era um civilista e era obviamente ligado às questões do Direito Privado. Desenvolvi com o professor Benjón, também, uma relação de muita admiração e proximidade do dia em que o conheci como aluno até o dia do seu óbito. Foi uma grande figura do Direito brasileiro.

Arnaldo Niskier: O fato comum de vocês serem judeus, como é o meu caso, ajudou

nessa relação e no desenvolvimento das suas ações? O professor Benjón era judeu, você é judeu, sou judeu também. Vamos tratar um pouco das questões e, infelizmente, em pleno curso no Oriente Médio. Essa condição comum de judeus em exercício público ajudou ou não teve nada a ver?

Gustavo Binbenjamen: Ajudou no caso, inclusive, do professor Luís Roberto Barroso. Ele também é judeu sefardita. A mãe dele nascida em Montevideu era judia. Embora ele tenha sido educado fora da comunidade judaica, a uma certa altura da vida, se reaproximou, se interessou e hoje afirma publicamente essa sua identidade. Então, podemos dizer que o atual presidente da Suprema Corte brasileira é um judeu que se autoproclama, com orgulho, judeu. Diria que sim. Acho que, na faculdade, houve alguns professores judeus que me influenciaram, talvez de forma até inconsciente, por força da sua condição. O professor Barroso, que, na época, eu nem sabia que era judeu, o professor Simão Isaac Benjón, que foi professor de Direito Civil, era diretor da faculdade e um grande professor (certamente o senhor conheceu) de Direito Internacional Privado, chamado Jacob Dolinger.

Arnaldo Niskier: Muito, muito meu amigo. Ele foi, lá pelas tantas, para Israel.

Gustavo Binbenjamen: Foi para Israel depois que se aposentou na carreira docente.

Arnaldo Niskier: Muito talentoso o Dolinger.

Gustavo Binbenjamen: E um internacionalista de mão cheia. Teve um papel importantíssimo na difusão do Direito Internacional Privado no Brasil e formou gerações de pupilos, de discípulos. Hoje há professores, professora Carmen Tiburcio, professora Nádia Araújo, que também é judia, professor Lauro Gama, que foram alunos de Jacob e conduziram esse bastão do Direito Internacional nas escolas de Direito do Rio de Janeiro, notadamente na UERJ e na PUC. Acho que o vínculo, às vezes quase que não pronunciado entre judeus que têm essa identidade mais forte, é de uma certa comunhão de valores. Acho que, basicamente, as pessoas podem pensar na proximidade a partir de interesses, mas acima dos interesses comuns há valores fundamentais que movem esses judeus do mundo intelectual.

Arnaldo Niskier: Quais são esses valores, na sua opinião, como estudioso, como professor?

Gustavo Binbenjamen: Não sei se tenho autoridade para afirmá-lo de maneira peremptória, é apenas uma percepção. Acho que, primeiro, os judeus que se dedicam à vida intelectual, como é o seu caso, têm uma paixão irrefreável pelo conhecimento. É como se os

judeus tivessem essa vocação para forçar as fronteiras do conhecimento de maneira quase que ilimitada. Vejo isso mesmo entre os religiosos, sobretudo nos mais desanuviados intelectualmente, há uma busca pelo conhecimento e pela aproximação, porque o encontro seria uma grande pretensão humana da verdade.

Arnaldo Niskier: Vem à minha mente agora a presença, nesse processo, dos evangélicos, que são muito numerosos no Brasil, muito atuantes também e eles gostam de Israel de um modo geral. Gostaria de ouvir a sua resposta, certamente lúcida, a respeito da presença dos evangélicos no processo da valorização do conhecimento em nosso país. Você tem uma posição pública sobre o que está se passando no Oriente Médio, a guerra de Israel versus Hamas. Uma opinião sobre o que está se passando no Oriente Médio.

Gustavo Binbenjamen: O Estado de Israel sofreu, e não apenas o Estado de Israel. A comunidade judaica, espalhada pelo mundo em diáspora, sofreu o maior ataque desde o Holocausto da Segunda Guerra Mundial. Foi um ataque brutal, um ataque sanguinário, um ataque covarde de uma milícia financiada pelo Irã, financiada pelo Hezbollah do Líbano, que vitimou centenas, talvez milhares de pessoas.

Arnaldo Niskier: De saída, 1200.

Gustavo Binbenjamen: Infelizmente, com atos bárbaros de agressão e sevícias a crianças, jovens, mulheres, mulheres grávidas, cadeirantes, pessoas com deficiências. E muitas dessas pessoas estavam presentes numa festa rave no sul de Israel, perto dos kibutzim da fronteira com Gaza, de boa fé. Muitos desses jovens eram militantes de esquerda pró-Palestina, pouca gente diz isso hoje em dia. Muitos brasileiros que fizeram Aliá (é o termo que designa a imigração judaica para a Terra de Israel), há muitos que simplesmente eram simpáticos a uma solução binacional para aquela região do mundo e que foram atacados e mortos brutalmente, e outros tantos sequestrados e feitos reféns por esse grupo extremista, terrorista até hoje. O mínimo que um Estado que tem como missão condicional e legal defender os seus cidadãos pode fazer (e isso é pacífico e tranquilo à luz do Direito Internacional) é buscar libertar os reféns e retaliar esse ataque em nome da segurança nacional, em nome da defesa dos seus cidadãos e das suas fronteiras. Então, o ponto de partida de qualquer análise lúcida, equilibrada, de bom senso sobre a matéria é evitar a falácia das falsas equivalências. Não há meio racional de se comparar a reação do Estado de Israel, que hoje, felizmente, diferentemente do que havia na Segunda Guerra Mundial, tem um exército que defende seus cidadãos (e talvez isso seja o maior inconformismo dos antissemitas que Israel hoje tem um exército, tem forças de defesa)...

Arnaldo Niskier: E é um Estado.

Gustavo Binbenjamen: É um Estado democrático e constitucional, que atua sobre padrões de Direito Internacional. Comparar qualquer reação de Israel com qualquer outro ataque que tenha havido, muito menos com o Holocausto.

Arnaldo Niskier: Você tem razão, foi um ato, eu diria, impensado, de autoridades públicas brasileiras comparar o que está acontecendo na resposta a que Israel teria direito naturalmente com o que aconteceu no Holocausto, com o nazismo.

Gustavo Binbenjamen: É possível, por

exemplo, se questionar a política externa norte-americana em relação ao Oriente Médio, o ataque no início do século XXI ao Iraque. É possível questionar a guerra deflagrada pela Rússia contra a Ucrânia, questionando a política de Putin na Rússia, eu mesmo tenho uma visão muito crítica a respeito disso. E é possível criticar pontualmente eventuais excessos da política externa israelense em relação aos palestinos. Mas não é possível praticar esse tipo de populismo verbal, de comparar a reação de Israel com nenhum outro fenômeno da história da guerra entre civilizações, muito menos com o Holocausto. Situação absolutamente distinta, porque Israel atua em nome da sua defesa, da defesa e da segurança dos seus cidadãos

Arnaldo Niskier: Depois de atacado.

Gustavo Binenbojm: Depois de atacado numa reação covarde e que é movida também por um desejo de libertar até o último refém que as famílias justamente reclamam em praça pública pelas ruas de Israel. Então, esse é o primeiro ponto. O ponto de partida da análise é que se trata de um Estado democrático e constitucional, que é o Estado de Israel agindo à luz do Direito Internacional para se proteger de uma ofensa, de um ataque brutal, covarde, contra seus cidadãos e que vitimou, pelo menos, 1.200 na largada e outros tantos ainda não quantificados e que continua com reféns em Israel como um instrumento vil, cruel, de política de barganha para libertação de presos palestinos. Agora, o segundo ponto que acho que posso também dar uma opinião mais ou menos abalizada foi a iniciativa do governo da África do Sul, surpreendentemente seguida pelo governo brasileiro e outras poucas nações do mundo, de atacar o Estado de Israel com uma denúncia perante a Corte Internacional de Justiça na Haia, alegando que Israel estaria praticando um crime de genocídio contra os palestinos. A comparação é absolutamente... Fora de propósito, inadequada do ponto de vista político e jurídico. Politicamente, como já disse, Israel age como uma reação a um ataque visando a libertar os seus reféns e a, de alguma forma, dissuadir que esses grupos terroristas possam novamente atacar os seus cidadãos. Mas, do ponto de vista jurídico, a Corte se pronunciou. A Corte Internacional de Justiça da Haia rejeitou essa denúncia liderada pela África do Sul e secundada, infelizmente, pelo governo brasileiro, porque não se trata de um crime de genocídio. Nem crime é, a ação de Israel é balizada pelos melhores paradigmas do Direito Internacional dos conflitos armados.

Arnaldo Niskier: Direito de defesa.

Gustavo Binenbojm: Direito de defesa e direito de libertar reféns que são nacionais israelenses que estão lá presos, submetidos a todo tipo de tortura, todo tipo de crueldade desumana. E na Corte se afirmou claramente que Israel não é movido pelo propósito, pela intenção, pelo dolo de exterminar nenhuma nacionalidade, nenhuma etnia, o que é fundamental para tipificação do crime de genocídio.

Arnaldo Niskier: Fiquei espantado quando o presidente da República usou a expressão genocídio, a meu ver de uma forma equivocada ou de quem não conhece o problema devidamente ou de quem agiu por má fé. Mas, de toda maneira, é descabida a afirmação de que terá havido da parte da reação israelense um crime de genocídio. Acho que isso não tem cabimento. Falamos, há pouco, sobre a presença dos evangélicos nesse processo em

que o presidente da República, na minha opinião, se enrolou acusando Israel de genocídio. Como é que você vê essa presença dos evangélicos no processo?

Gustavo Binenbojm: Acho que o Censo de 2022 feito no Brasil já revelou que pelo menos metade ou mais da população brasileira hoje em dia é constituída do povo evangélico. Acho que essa é uma tendência em diversos lugares do mundo, como nos Estados Unidos da América. E há um vínculo muito interessante de respeito e admiração dos evangélicos pelos judeus. Muitas visitas e reconhecimento. Vamos lembrar aqui o primeiro Papa que disse essa frase, o papa polonês Karol Wojtyła, João Paulo II, que disse: “Os judeus são os irmãos mais velhos dos cristãos.” Se isso partiu da boca do Papa católico, isso é praticado no dia a dia pelos evangélicos. Essa irmandade, essa relação de fraternidade, respeito e admiração. É claro que há uma fronteira que justifica serem duas religiões, mas isso não impede que o que há de herança espiritual e cultural comum, um patrimônio comum, que é o humanismo judaico cristão, seja celebrado por evangélicos e por judeus. Então, diria que a Reforma Protestante abriu caminho para a ruptura de um antissemitismo quase que estrutural que sempre existiu na Igreja.

Arnaldo Niskier: Você não acha que está acontecendo uma crise antissemita e o Brasil está envolvido nisso?

Gustavo Binenbojm: Acho que sim. E acho que isso tem a ver com raízes muito profundas de um sentimento antissemita ligado à má compreensão da trajetória histórica dos judeus em relação ao próprio nascimento do cristianismo. Não há nenhuma justificativa para culpar historicamente judeus, nem pelo fenômeno cristão, muito ao contrário, porque, afinal, Jesus Cristo era judeu.

Arnaldo Niskier: É a origem do cristianismo.

Gustavo Binenbojm: E falou com as suas próprias palavras que a sua missão não era revogar a lei, mas apenas fazê-la cumprir. E, mais do que isso, há uma bestialidade nos argumentos antissemitas que acusam os judeus de teorias conspiratórias que estão absolutamente fora de seu alcance. Então, esse é o primeiro ponto, e o segundo ponto acho que é algo que me fala muito ao meu cotidiano como professor universitário, porque vejo isso nas universidades cotidianamente. A polarização extrema do mundo atual resvalou para também um Fla x Flu entre defensores da causa palestina como pessoas que necessariamente têm ou nutrem um sentimento antissemita, um sentimento de desprezo pelo Estado de Israel e pelos judeus de modo geral.

Arnaldo Niskier: Você falou isso, vou enfatizar. Somos favoráveis a presença de dois Estados naquela região também, não é? Quem é lúcido e tranquilo e raciocina friamente é favorável à existência dos dois Estados. Agora, acusar Israel de partidatismo em relação a isso é uma agressão sem cabimento, sem sentido.

Gustavo Binenbojm: Exatamente.

Arnaldo Niskier: Falamos a respeito disso e defendemos a posição dos evangélicos, porque são aliados dos judeus em todos os sentidos. Queria que você desse uma palavra sobre a sua experiência no Direito Público. Você se sente à vontade, como advogado, em

defender o Direito Público?

Gustavo Binenbojm: Eu me sinto absolutamente uma pessoa que foi ao encontro da sua vocação, porque eu me senti atraído pelo Direito Público, especialmente pelo Direito Constitucional e pelo Direito Administrativo, como alguém que gostava muito da matéria política, mas que queria tratar dessa matéria no âmbito do Direito. E aí é o Direito Constitucional, o Direito Administrativo, por excelência.

Arnaldo Niskier: Daí a admiração pelo ministro Barroso.

Gustavo Binenbojm: Pelo ministro Barroso e, sobretudo, alguém que atua predominantemente em causas perante o Supremo Tribunal Federal, que são as grandes causas do Direito Público no país.

Arnaldo Niskier: O Supremo está no bom caminho?

Gustavo Binenbojm: É uma resposta que precisa ser dada não com uma fotografia do momento, mas como um filme em perspectiva. E encaminhando a resposta assim, eu diria que, desde a Constituição de 1988, com os seus ares democráticos, de toda a mobilização em defesa dos direitos fundamentais das minorias, o saldo do Supremo Tribunal Federal na defesa da proteção é altamente positivo.

Arnaldo Niskier: É altamente positivo.

Gustavo Binenbojm: É uma Corte que se coloca a par com as melhores cortes condicionais do mundo na defesa dos direitos fundamentais. E acho que falo isso como um certo consenso da comunidade jurídica brasileira. O Brasil deve muito ao Supremo pela defesa da liberdade de expressão, pela defesa dos direitos dos gays, ao casamento homoafetivo. É uma decisão que deu o título de um patrimônio Documental da Humanidade, dado pela UNESCO. E é também uma honraria para o Supremo e outros direitos fundamentais em que o Brasil evoluiu muito. Agora, claro que se pode e se deve fazer críticas pontuais. O excesso de judicialização que, vez ou outra, se pode observar em algumas matérias, entrando no campo da política, tenho uma posição mais reservada em relação a isso. Acho que nenhum país desenvolvido do mundo chegou lá por um governo de juízes. O papel do Supremo não é governar, é evitar o desgoverno. E acho que o Supremo deve voltar para essas posições iniciais

Arnaldo Niskier: Uma última pergunta, porque eu já li a respeito e já ouvi a respeito. Se o amigo fosse convidado para fazer parte do Supremo, aceitaria de bom grado?

Gustavo Binenbojm: Fico lisonjeado com essa pergunta, mas ela é tão lisonjeira quanto inusitada, porque eu não teria nenhuma chance. Mas diria, com a resposta dada por um grande mestre que foi frasista, o ex-ministro do Supremo, deputado constituinte Nelson Jobim. Esse é o cargo que ninguém deve postular, mas também que ninguém tem o direito de declinar.

Arnaldo Niskier: Está dada a resposta. Eu quero agradecer muito a presença aqui no nosso programa do advogado Gustavo Binenbojm, que é uma das figuras mais expressivas hoje do nosso país em matéria de Direito Público, e suas palavras esclarecedoras honraram muito o nosso programa de hoje.

Cacá Diegues eterno

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com



Um dos mais respeitados intérpretes do Brasil, dotado de uma genialidade irônica e plural, o acadêmico Cacá Diegues, último ocupante da Cadeira nº 7 da Academia Brasileira de Letras (ABL), deixou órfã uma legião de fãs no dia 14 de fevereiro deste ano. Aos 84 anos, o grande cineasta, produtor e escritor morreu devido a complicações cardiovasculares durante uma cirurgia de próstata, na Clínica São Vicente.

Alagoano que morava no Rio de Janeiro desde criança, Cacá traduziu em filmes a identidade social, política e cultural do povo brasileiro. Um dos fundadores do Cinema Novo – movimento que, entre as décadas de 1960 e 1970, ampliou os limites da linguagem cinematográfica do país – indicado três vezes à Palma de Ouro do Festival de Cannes – à qual concorreu com *Bye bye Brasil* (1980), *Quilombo* (1984) e *Um trem para as estrelas* (1987) – o imortal deixou um legado de 37 filmes, entre curtas, médias e longas-metragens.

Com filmes exibidos comercialmente em todos os continentes, participou das seleções oficiais dos mais importantes festivais internacionais de cinema, como Cannes (onde também foi membro do Júri, em 1981 e 2010), Veneza, Berlim, Toronto, Locarno, Montreal, San Sebastián e Nova York.

Entre seus filmes premiados no exterior, estão *Orfeu*, eleito melhor filme na Mostra de Cartagena, em 2000, e *O maior amor do mundo*, vencedor do *Gran Prix des Amériques*, em Montreal, em 2006.

No Brasil, um de seus maiores fenômenos de bilheteria, *Xica da Silva* (1976), que anunciava a volta da alegria democrática, conquistou o troféu *Candango* de melhor filme e de melhor diretor no Festival de Brasília. *Tieta do agreste* (1996) e *Deus é brasileiro* (2002), adaptados de grandes obras da literatura nacional, também figuram entre os filmes de maior público.

Em 1998, recebeu do governo francês o título de “*Officier de l’Ordre des Arts et des Lettres*” e foi agraciado com a medalha da Ordem de Mérito Cultural, outorgada pelo governo do Brasil, em 2001. Cacá Diegues tem outros nove livros publicados e, desde 2010, escrevia regularmente artigos para jornal *O Globo*, publicados aos domingos.

Nos últimos tempos, vinha trabalhando na finalização de *Deus ainda é brasileiro*, continuação para o sucesso de 2003, estrelado por Antonio Fagundes e Wagner Moura, com estreia prevista ainda para 2025.

A obra de Cacá Diegues equilibrou popularidade e profundidade artística, abordando temas sociais e culturais com sensibilidade ímpar.

BIOGRAFIA

Batizado Carlos José Fontes Diegues, Cacá nasceu em Maceió, Alagoas, no dia 19 de maio de 1940. Filho do antropólogo Manuel Diegues Júnior (Manelito) e de Zairinha, com seis anos mudou-se com a família para o Rio de Janeiro.

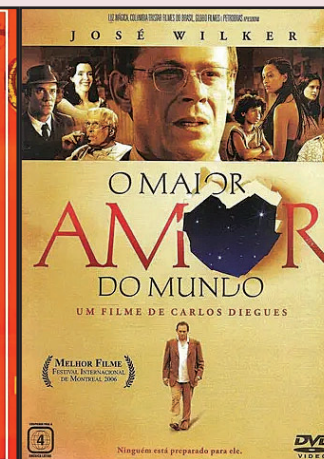
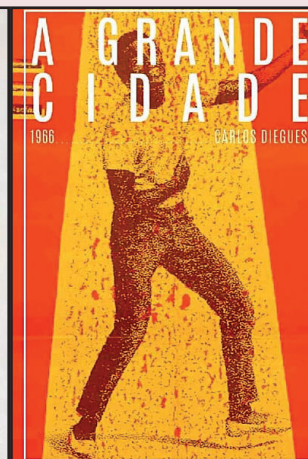
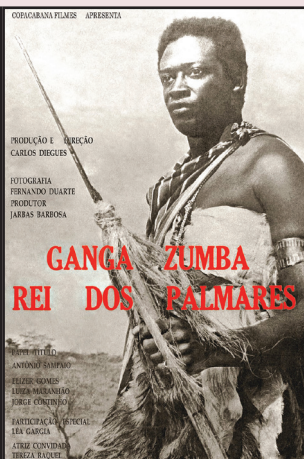
Desde criança era fã de cinema. Foi aluno do Colégio Santo Inácio e, em seguida, ingressou no curso de Direito da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Na universidade, presidiu o Diretório Estudantil.

Ainda estudante, fundou um cineclube junto com os (também futuros) cineastas David Neves e Arnaldo Jabor. Dirigiu o jornal *O Metropolitano*, órgão oficial da União Metropolitana de Estudantes. Integrou o Centro Popular de Cultura, ligado à União Nacional dos Estudantes.

No início dos anos 1960, juntou-se aos jovens cineastas Glauber Rocha, Nelson Pereira dos Santos, Walter Lima Jr, entre outros, iniciando o movimento que ficou conhecido como “Cinema Novo”, que pretendia mudar a história do cinema retratando questões sociais e políticas.

Depois de lançar *Fuga e Brasília*, em 1961, Cacá lançou, com a colaboração de David Neves e Affonso Beato, o curta-metragem – *Domingo*, um dos filmes pioneiros do Cinema Novo.

Em 1962, Cacá dirigiu *Escola de Samba Alegria de Viver*, um dos documentários de *Cinco Vezes Favela*, que reuniu cinco curtas-metragens produzidos pela União Nacional de Estudantes (UNE), considerado uma das obras fundamentais para o novo movimento do cinema.



Em 1964, seu filme *Ganga Zumba* foi apresentado no Festival de cinema em Cannes. Nesse mesmo ano, foi instalada uma ditadura militar no Brasil para combater a revolução comunista.

Participando de uma resistência intelectual e política, foi alvo da repressão por seu espírito combativo e inquieto. Seus filmes foram censurados e, em 1969, teve que sair do país.

Entre 1969 e 1970, viveu na Itália e depois em Paris, em companhia da cantora Nara Leão, então sua esposa. A primeira filha do casal nasceu em Paris, em 1970.

Cacá Diegues foi casado com a cantora Nara Leão (1942-1989) entre os anos de 1967 e 1977. O casal teve dois filhos, Isabel e Francisco. Em 1981, casou-se com a produtora e cineasta Renata Almeida Magalhães, com quem teve a filha Flora.

Em 1970, em plena ditadura, Cacá retornou ao Brasil e inaugurou um período de grande popularidade do cinema brasileiro com os filmes *Quando o Carnaval Chegar* (1972) e *Xica da Silva*, (1976), que recebeu o Prêmio Molière de Melhor Filme e Melhor Direção.

Nos anos seguintes, o cineasta lançou: *Chuvas de Verão* (1978), *Bye Bye Brasil* (1979), dois de seus maiores sucessos, *Quilombo* (1984) e *Dias Melhores Virão* (1990), lançado depois do fim da ditadura que perdurou até 1985.

Em 1993, depois da promulgação da nova Lei do Audiovisual, Cacá lançou vários sucessos, tornando-se um dos cineastas brasileiros mais conhecidos no exterior.

Em 2014, lançou a autobiografia *Vida de Cinema – Antes, Durante e Depois do Cinema Novo*, que levou seis meses para ficar pronta. Segundo ele, a obra também poderia ser considerada uma “reportagem memorialista”.

Em 2018, o cineasta lançou *O Grande Circo Místico*, que é uma adaptação do espetáculo musical de 1983, com trilha sonora de Chico Buarque e Edu Lobo, baseado no poema de Jorge de Lima, sobre a paixão de um aristocrata por uma acrobata.

TRAGÉDIA PESSOAL

Vivendo uma tragédia pessoal desde a perda da filha caçula, em 2019 – a atriz Flora Diegues morreu aos 34 anos, em decorrência de um câncer no cérebro – o cineasta permaneceu alguns anos “sem conseguir fazer nada”, como discorreu num dos textos publicados na coluna semanal que assinava em *O Globo*. Flora, além de atriz, também trabalhava como roteirista e diretora. O último trabalho dela foi na novela *Deus Salve o Rei*.

Eleito para a Academia Brasileira de Letras (ABL) em 30 de agosto de 2018, muito aplaudido em seu discurso de posse, já alertava para os tempos de polarização e vulgaridade: “Temos sofrido um vendaval de paixões polarizadas e históricas. Há um desejo latente de valorizar a vulgaridade e o homem dito ‘normal’, aquele que só reproduz os piores valores de nossa ignorância, sem sonhos nem fantasias, num horizonte sombrio e sem surpresas. A criação, hoje, corre o risco de se tornar prisioneira dessa consagração da platitude, onde o único valor reconhecido e respeitado é o da morte elevada a uma desimportância consagradora”, lamentou na ocasião.

Títulos e Distinções

- Conselheiro da Cinemateca Brasileira (de 2010 a 2013)
- Membro do Conselho Estadual de Cultura do Rio de Janeiro (2007)
- Cavaleiro da Ordem do Mérito de Palmares (Governo de Alagoas, 2000)
- Comendador da Ordem de Rio Branco (Governo do Brasil, 2000)
- Officier de l’Order des Arts e des Lettres, Ministério da Cultura da

França, 1986)

- Membro titular da Cinemateca Francesa, desde 1970

Premiações

- Prêmio pelo Conjunto da Obra no Festival Aruanda do Audiovisual Brasileiro, 2006
- Prêmio Vida e Trabajo pelo Conjunto da Obra no Festival da Santa Cruz de la Sierra, 2007
- Troféu Glória, Lifetime Achievement Award, Chicago, 2015
- Prix de la Celebration du Centenaire du Cinématographe, IL, Lyon, França, 1995
- Outstanding Achievement in the Art of Film, Denver, EUA, 1990

Filmografia

- Fuga (1959)
- Brasília (1960)
- Domingo (1961)
- Cinco Vezes Favela – Escola de Samba Alegria de Viver (1962)
- Ganga Zumba (1964)
- A Oitava Bial (1965)
- A Grande Cidade (1966)
- Oito Universitários (1967)
- Os Herdeiros (1969)
- Receita de Futebol (1971)
- Quando o Carnaval Chegar (1972)
- Joanna Francesa (1976)
- Cinema Íris (1974)
- Aníbal Machado (1975)
- Xica da Silva (1976)
- Chuvas de Verão (1978)
- Bye Bye Brasil (1979)
- Quilombo (1984)
- Um Trem para as Estrelas (1987)
- Dias Melhores Virão (1989)
- Veja Esta Canção (1994)
- Tietê do Agreste (1996)
- Orfeu (1999)
- Deus é Brasileiro (2003)
- O Maior Amor do Mundo (2007)
- Nenhum Motivo Explica a Guerra (2012)
- Rio de Fé (2013)
- O Grande Circo Místico (2018)



O imortal Cacá Diegues, eleito para a Cadeira nº 7 da ABL, no dia 30 de agosto de 2018, ladeado por Renata Magalhães e Betty Faria.



Literatura Infantil

Por Anna Maria de Oliveira Rennhack

Visite a nossa página na internet: annarennhack.wix.com/amor

Bem-vindo, Bebê!

Mestre em educação, pedagoga, editora de livros infantis e didáticos – e-mail: amor.anna2014@gmail.com

Comentei aqui, há alguns anos, que a primeira ideia de livros para bebês me foi passada pela pesquisadora portuguesa Maria José Sotto Mayor, que tive o prazer de encontrar em várias idas à Feira do Livro Infantil e Juvenil de Bolonha, na Itália.

Ao visitar a incrível Biblioteca Salaborsa, em frente à estátua do Netuno, na principal praça daquela cidade, fiquei encantada com a ala destinada às crianças de zero a três anos. Pude testemunhar a alegria de casais que liam para os seus pequenos em um ambiente adequado e adaptado para recebê-los.

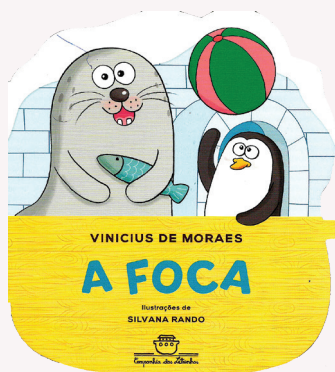
Biblioteca de bebês –
Salaborsa – Bolonha, Itália
(www.bibliotecasalaborsa.it/ragazzi/bambini).



Posteriormente, o Salão do Livro Infantil e Juvenil, no Rio de Janeiro, passou a organizar, com sucesso, em seu espaço, uma biblioteca para bebês.

Agora, com a família encantada com a chegada do bebê, me lembrei de tudo o que aprendi. Apresento uma pequena seleção para motivar o encontro de leitores (pais, avós, cuidadores), com os pequenos e futuros leitores.

No início, as ilustrações e as vozes vão iniciar o fascínio pelas histórias. Permita que as crianças manuseiem os livros, deixe-os no berço, para que as ilustrações coloridas os atraiam. Tenha cuidado com o material, para não machucar o bebê. Livros de pano, de banho, de formas arredondadas, com grandes figuras e pouquíssimo ou nenhum texto. O importante é que aprendam a conviver com eles, a observá-los, manuseá-los. Dessa forma, estaremos desenvolvendo o amor ao livro e à leitura. Tenho certeza de que será um excelente começo!



A Foca – Vinícius de Moraes, ilustrações de Silvana Rando – Companhia das Letrinhas – A coleção *Arca de Noé* apresenta os primeiros volumes para os leitores iniciantes e ouvintes de histórias. Em formato especial para os pequenos, capa e miolo em cartão e ilustrados pela mãe do elefantinho Gildo. Se souberem as músicas, ainda vai ficar mais gostoso! *O Pato* e *A Casa* integram a divertida coleção.

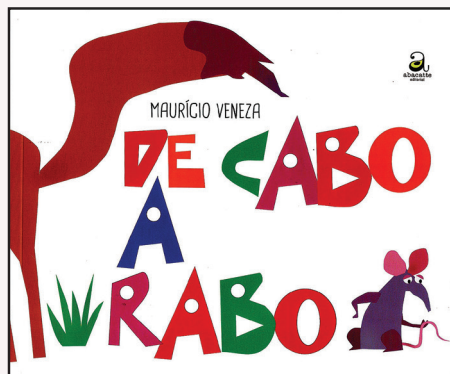
As Aventuras de Vitória – Veridiana Scarpelli – Companhia das Letrinhas – Um simpático porquinho vive grandes aventuras num colorido livro de imagens. Diferentes histórias podem acontecer

com a interpretação das ilustrações: neste livro em que as palavras ficam por conta da imaginação.



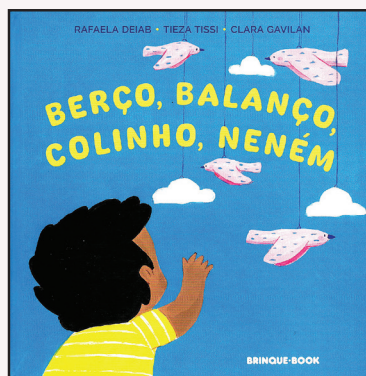
Bom Dia, Bichinhos: – Texto e ilustrações de Amandine Piu, tradução de Júlia Moritz Schwarcz – Brinque-Book – A pequena menina se compara aos animais: pula como um sapo, nada igual a um peixe... e vai apresentando os animais e descrevendo suas ações semelhantes.

De Cabo a Rabo – Texto e ilustrações de Maurício Veneza – Abacatte – O autor e ilustrador vem se destacando na produção de livros para



os pequeninos. De um jeito divertido e rimado, como gostam os pequenos, Maurício identifica os animais pelo rabo! Delícia de livro!

Dez Coelhinhos – Maurice Sendak, tradução de Gabriela Ubrig Tonelli – Companhia das Letrinhas – Quantos coelhinhos se escondem na cartola do mágico? Será que eles conseguem voltar para dentro dela? Mais um livro de imagens que, com certeza, vai divertir os que leem e os que acompanham as ilustrações.



Berço, Balanço, Colinho, Neném – Texto de Rafaela Deiab e Tieza Tissi, ilustrações de Clara Gavilan – Brinque-Book – As pequenas frases descrevem o ambiente no entorno do bebê e as atividades do dia. Ao final, o soninho gostoso no colo da mamãe...

Feliz Aniversário, Ratinho! – Texto e ilustrações de Guido Van Genechten, tradução de Camila Werner – Brinque-Book – Esse é um livro de abas do Ratinho, que já é nosso conhecido! Ele e seus amigos já nos contaram boas histórias: *O que tem dentro da sua fralda?*, *De onde vêm os penicós?* e *Vamos dormir?* Agora é a comemoração do seu aniversário. Ele preparou uma festa e seus amigos começam a chegar com presentes para você descobrir! Mas o que eles não sabem é que o Ratinho preparou uma surpresa incrível!



BCB Biblioteca Cultural Básica

O Jornal de Letras apresenta mais três autores cujas obras não podem faltar numa Biblioteca Cultural Básica.

acervo JL



JEFERSON TENÓRIO

(Rio de Janeiro, 1977) Escritor, professor e pesquisador brasileiro. Iniciou a carreira de escritor com o romance

O Beijo na Parede, publicado em 2013 e eleito Livro do Ano pela Associação Gaúcha de Escritores. Suas obras abordam temas como pobreza, discriminação racial e desigualdade de classes no Brasil. Em 2021, o autor ganhou o Prêmio Jabuti por seu romance *O Averso da Pele*. No início da década de 1990, radicou-se em Porto Alegre. Graduado em Letras e mestre em Literaturas Luso-africanas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, doutor em Teoria Literária pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Leciona Língua e Literatura na rede pública de ensino. Em 2018, lançou o romance *Estela sem Deus*. Diversos países traduzem suas obras, como Itália, Portugal, França, Inglaterra, Suécia, Estados Unidos, Bélgica e China. Seu romance *O Averso da Pele* (2020) ganhou o Prêmio Jabuti na categoria Romance Literário. Escreve colunas semanais para o jornal *Zero Hora* e o portal UOL. Recebeu Menção honrosa no 19º Concurso de Contos Paulo Leminski, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná; venceu o 15º Concurso Poemas no Ônibus e o 3º Concurso Poemas no Trem, da Prefeitura de Porto Alegre. Em 2020, foi o primeiro negro eleito como patrono da Feira do Livro de Porto Alegre. Tenório diz: “Às vezes penso que nós, negros, temos, no fim das contas, uma única jornada a cumprir: a de deixarmos de ser negros... Nenhum negro se torna impune à cor.”

acervo JL



CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

(Enugu, 15 de setembro de 1977) Feminista e escritora nigeriana. Estudou Medicina e Farmácia por

um ano e meio na Universidade da Nigéria, onde atuou como editora na revista, *The Compass*, dirigida pelos alunos de Medicina da universidade. Aos dezenove anos, deixou a Nigéria e se mudou para os Estados Unidos da América, onde estudou comunicação e ciências políticas, na Universidade de Drexel. Em 2008, recebeu o certificado como mestre de artes em estudos africanos pela Universidade de Yale. Seu primeiro romance, *Purple Hibiscus*, foi publicado em 2003. O segundo, *Half of a Yellow Sun* foi publicado em 2006, e ganhou o Orange Prize em 2007. Publicou uma coletânea de poemas em 1997 (*Decisions*) e uma peça (*For Love of Biafra*) em 1998. Foi indicada em 2002 para o Prêmio Caine: conto *You in America*, ganhou o David T. Wong Prêmio Internacional de Contos 2002/2003 (PEN Centro Award) e um Prêmio Beyond Margins: conto *A metade de um sol amarelo*, de 2007. *Ceiling* foi incluída na edição do The Best American Short Stories 2011. Em abril de 2014, foi nomeada entre os 39 escritores mais importantes, com menos de 40 anos, no projeto Festival Hay e Rainbow Book Club. Divide sua vida entre a Nigéria, onde ensina em oficinas de escrita, e os Estados Unidos. É casada com um médico nigeriano que atua na profissão nos Estados Unidos, filho de um médico que é amigo de sua família. O casal tem uma filha.

acervo JL



ELENA FERRANTE

Elena Ferrante é o pseudônimo de uma escritora italiana, cuja identidade é mantida em segredo. Ela escreveu oito romances e vários livros de não ficção em italiano desde 1991. Seus romances mais conhecidos são a série *Romances de Nápoles*, cujo primeiro livro é *A Amiga Genial*, que se tornou um sucesso de vendas internacional e foi adaptado como série homônima pela HBO. Em 2016, Elena Ferrante foi eleita pela revista *Time* uma das 100 pessoas mais influentes do mundo. Em 1991, publicou seu primeiro romance, *L'Amore Molesto*. Foi um sucesso de crítica, vencendo o I Premio Procida-Isola di Arturo-Elsa Morante. Em 2002, publicou seu segundo romance, *I Giorni dell'Abbandono*. Em 2003, publicou um livro de ensaios, *Frantumaglia*. Em 2006, foi publicado o romance *La Figlia Oscura*. Em 2007, foi publicado o único livro infantil de Ferrante, *Nella Spiaggia di Notte*. A autora concede poucas entrevistas, todas elas por escrito e intermediadas pelas suas editoras italianas. Nelas, explica que optou pelo anonimato para poder escrever com liberdade, e também para que a recepção de seus livros não seja influenciada por uma imagem pública. Especula-se, com base nas suas obras, que tenha nascido em Nápoles. Através de suas obras, é possível perceber que apresenta um sólido conhecimento dos autores clássicos gregos e latinos. Desde que Elena Ferrante apareceu na cena literária italiana, especulações foram feitas sobre a sua verdadeira identidade.

Cultura, lugar de resistência e direito fundamental da cidadania

Por Manoel Goes Neto*

A aprovação do Orçamento de 2025 no Congresso, no último dia 20 de março, gerou reclamações de todos os produtores culturais e artistas. Diversos segmentos denunciaram o corte de 84% da Política Nacional Aldir Blanc (PNAB), do Ministério da Cultura, que repassa recursos federais para estados e municípios fomentarem atividades culturais. Os recursos para a PNAB caíram de R\$3 bilhões para R\$480 milhões por ano na LDO. Ao mesmo tempo, o orçamento reservou cerca de R\$50 bilhões para emendas parlamentares. O Ministério da Cultura (MinC) garantiu a “integralidade dos recursos” para a PNAB, apesar de a lei de incentivo ao setor ter sofrido um corte drástico. Fruto do projeto que transferiu recursos de emergência para a cultura durante a pandemia, a Lei Aldir Blanc se transformou em uma política pública de repasse de recursos federais para o setor cultural até 2027.

O orçamento da Aldir Blanc é enquadrado como despesa obrigatória, é uma política que não pode ser descontinuada, uma das maiores

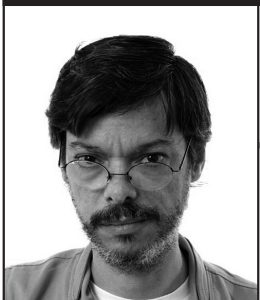
vitórias do setor cultural brasileiro nos anos que se seguiram à pandemia de Covid-19. A notícia colocou o setor cultural em estado geral de alerta, onde a mobilização de todos os segmentos está sendo articulada para não permitir esse absurdo retrocesso.

A PNAB representa uma conquista histórica da cultura brasileira, consolidando uma política pública permanente de fomento, construída com ampla pactuação federativa. Os secretários e dirigentes estaduais de cultura estão mobilizados e articulados, contando com o apoio da ministra da Cultura Margareth Menezes para reverter a decisão e garantir a plena alocação dos recursos necessários à efetiva execução das políticas públicas culturais.

Os recursos da PNAB destinam-se a ações e projetos de todo o País. O governo federal previa destinar anualmente R\$3 bilhões até 2027 para o setor, e a aplicação é feita pelos entes federativos por meio de editais e prêmios. Tornou-se a maior política cultural do país em termos de investimento direto da União. Aprovada por unanimidade no Congresso Nacional em pleno governo negacionista, é uma lei de despesa obrigatória, que não pode ser cortada ou contingenciada.

Nós fazedores e ativistas da cultura precisamos mais do que nunca estarmos unidos e fortes em defesa da não efetivação desse absurdo inconstitucional, pois cultura é um direito do cidadão, e estamos vivendo momentos de muita produção artística e cultural, gerando muito trabalho, emprego, renda, impulsionando a economia criativa, incentivando a inovação e a produção de bens e serviços. Afinal, Cultura é lugar de resistência e direito fundamental da cidadania!

*Manoel Goes Neto é escritor, produtor cultural e membro do IHGES.



Por Zé Roberto

zerobertograuna@gmail.com



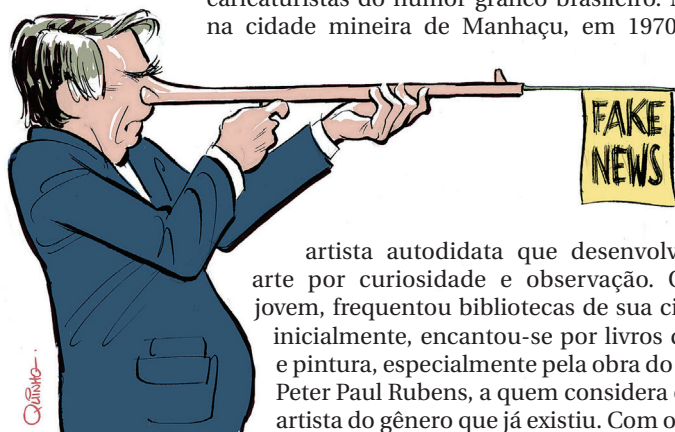
QUINHÃO DE TALENTO

Em 2004, quando comparei ao 15º Salão Carioca de Humor, na Casa de Cultura Laura Alvim, me chamou a atenção uma caricatura que retratava, com muito talento e bom humor, a figura da cantora Elza Soares. A estúpida arte foi, com justiça, laureada com o 1º lugar na categoria Caricatura, obra que trazia a assinatura de um artista que, confesso, não conhecia: Quinho.

Atualmente,
Marcos Souza –



seu nome de batismo – é um dos mais talentosos caricaturistas do humor gráfico brasileiro. Nascido na cidade mineira de Manhaçu, em 1970, é um



artista autodidata que desenvolveu sua arte por curiosidade e observação. Quando jovem, frequentou bibliotecas de sua cidade e, inicialmente, encantou-se por livros de artes e pintura, especialmente pela obra do alemão Peter Paul Rubens, a quem considera o maior artista do gênero que já existiu. Com o tempo, Quinho passou a observar também as manifestações do humor gráfico, quando teve

acesso a publicações importantes como *O Pasquim*, *Chiclete com Banana* e a revista *Animal*. Sobre o início nas artes, Quinho narra que o primeiro incentivo para desenhar surgiu na escola, quando uma professora, Dona Cristina, orientou que cada aluno fizesse um desenho. “Eu fiz um cartum na primeira folha do caderno, tosquinho, mudo, mas com narrativa e tudo: era um macaco montado em um cavalo, prestes a atropelar um pato, enquanto um saci fazia sinal de ‘Pare’”. Juntou a sala toda pra ver e ela chamou até a diretora da escola. Ao contrário do saci no cartum, ela disse para eu não parar. Daí, percebi que o desenho era algo especial e decidi que seria um caminho para a vida toda. O legal é que tenho essa folha do caderno até hoje e está na parede do meu estúdio, numa moldura!”, diz o artista. Seu irmão também costumava desenhar, mas com o tempo abandonou esta prática deixando Quinho como o desenhista da família, porém, uma de suas irmãs enveredou para as artes, especificamente para a música, tornando-se pianista e professora.

Sua grande estreia aconteceu em 1994, quando da realização do Salão Nacional de Humor Henfil, que aconteceu em Belo Horizonte. Na época, Quinho ainda não tinha acesso a materiais de artes apropriados, mas resolveu enviar uma charge finalizada com lápis de cor preto sobre papel cartão. Quinho recorda que desenhou o ministro da Fazenda, Rubens Ricupero, com um quadro apresentando as notas e moedas do Plano Real e, entre as moedas, uma balinha Ice Kiss, que era muito



usada como complemento de troco na época. Surpreso por ter se classificado no salão, o jovem artista compareceu à abertura da exposição e ouviu do Ziraldo, que ciceroneava o evento, o anúncio que seu desenho havia sido agraciado como vencedor na categoria Charge. “Quase tive um treco”, lembra Quinho, que ainda teve a satisfação de ser considerado pelo “Mestre Zira” como a revelação daquele certame, sendo ainda convidado para participar, naquele mesmo ano, da exposição Minas Além das Geraís, que reuniu diversos outros cartunistas mineiros, no Palácio do Catete, no Rio de Janeiro. Por conta de sua participação na importante exposição, Quinho conheceu, além dos outros veteranos, o genial ilustrador João Batista Melado, que, na época, atuava no *Diário da Tarde*, dos Diários Associados, de Belo Horizonte. Ao saber que havia uma vaga para ilustrador e chargista no jornal, deixou a timidez de lado, aproveitou a oportunidade e se ofereceu para um teste e acabou sendo admitido, em 1995.

A partir daí, sua carreira alcançou abrangência e seus desenhos circularam em outras publicações, especialmente as revistas *Palavra*, *Bundas* e o jornal *Pasquim 21*, estes três, graças aos convites do Ziraldo. Além de seu primeiro prêmio, em 1994, Quinho venceu outros salões de humor tradicionais, alguns mais de uma vez, como o Salão Internacional de Piracicaba (1997, 1998 e 2023), Salão Carioca de Humor (1997, 1998, 2001 e 2004), Salão Internacional de Caratinga, Prêmio “Quem te viu, quem te vê” (2019), troféu Líbero Badaró (2013), Prêmio Vladimir Herzog (2020) e o prêmio internacional Society For News Design (USA) and The European Newspaper Award (Vienna, Áustria). Quinho afirma, com bom humor, que, apesar das muitas premiações recebidas, se sente acanhado com algumas homenagens concedidas em sua cidade de origem. “Por conta da minha síndrome do impostor, que acomete 11 entre cada 10 cartunistas caipiras, se acontecer um dia, num âmbito maior, acho que vou acabar me trancando no banheiro do evento!”, afirma modestamente.

Algumas artes do cartunista mineiro também fizeram parte de alguns livros comemorativos, como *É mentira, Chico?*, obra que reuniu 45 caricaturistas em exaltação ao Chico Anysio; *Ao mestre com carinho*, que homenageou os 85 anos do Ziraldo; e *85 vezes Sílvia Santos* que comemorou o aniversário do animador e dono do SBT, em 2016. Quinho lançou também dois livros autorais: *Inominável* (coletânea que exhibe as charges dos 4 anos de governo do golpista inelegível, aliás muito bem retratado numa caricatura que exibimos nesta página) e *Rascunharia*, ambos disponíveis no site Amazon.

Em 2023, Quinho representou a caricatura brasileira ao participar de uma exposição no Museu de Arte Moderna de Teerã, no Irã, quando foi carinhosamente acolhido pelos iranianos. Mais recentemente, em 2024, foi escolhido como o melhor caricaturista do Brasil, no principal prêmio das artes gráficas do país, o HQ Mix.

Atualmente, Quinho publica regularmente suas charges no jornal *Estado de Minas*, que podem ser conferidas no site: em.com.br/charge. Os desenhos do cartunista também podem ser apreciados nas redes sociais, nos perfis @quinho_cartum, no Instagram, e Quinho Cartum, no X (antigo Twitter).

Saúde e Arte!



Sanguinetti toma posse na ABL



Os ex-presidentes José Sarney (Brasil) e Júlio Maria Sanguinetti (Uruguai), na ABL.

Aos 89 anos, o ex-presidente uruguaio (por dois mandatos) Júlio Maria Sanguinetti tomou posse na cadeira nº 8 da Academia Brasileira de Letras (ABL) como sócio correspondente. O patrono da cadeira é Sebastião da Rocha Pitta, autor de uma importante história, da América Portuguesa no começo do século XVIII.

O presidente da ABL, Merval Pereira, ressaltou a importância e a feliz coincidência do momento da posse de Sanguinetti – maior responsável pela democratização do Uruguai – justamente quando o Brasil comemora 40 anos da redemocratização.

Em seu discurso de posse, na presença do decano da ABL, o ex-presidente Jose Sarney, do cônsul do Uruguai, Alexandre Mongrel e de seu filho Julio Luiz, Sanguinetti falou da história de Uruguai e Brasil: “Uma história de disputas de territórios entre os impérios, que no decorrer dos anos se tornou de fraternidade, paz e confraternização.”

Lembrou também de dois brasileiros importantes para a história do Uruguai: o Barão do Rio Branco, responsável por definir as fronteiras dos dois países, e o Barão de Mauá: “O Barão de Rio Branco é uma figura muito importante na nossa história. Pensem vocês que, quando morreu Rio Branco, Uruguai decretou luto nacional. De honras de ministro do Estado. O Barão de Mauá foi o intermediador de contratos nos empréstimos financeiros realizados pelo governo do Brasil ao governo do Uruguai, em 1850. É uma figura fundamental na economia do Brasil, da Argentina, do Uruguai, do Paraguai.”

Sanguinetti recordou sua amizade com José Sarney e falou dos momentos dramáticos até que ele assumisse a presidência do Brasil, após a morte de Tancredo Neves. O ex-presidente saudou o amigo e, agora, sócio correspondente, falando da emoção de ocupar, mais uma vez, a tribuna da Casa de Machado: “Eu também comemoro uma data que talvez tenha sido a alegria mais pura da minha vida. Foi o dia que entrei para a Academia Brasileira de Letras. Isso em 1980. Portanto, completo 45 anos de acadêmico, sendo o decano dessa casa, que me traz uma grande alegria, mas também uma grande preocupação. Porque o decano significa que aqueles que já votaram nele já morreram. Então cheguei a sua vez. Espero que o Criador não tenha nenhuma pressa.”

Para finalizar, Sarney ressaltou as qualidades intelectuais de Sanguinetti: “Sanguinetti é homem da fronteira, divide conosco a banda oriental do rio Uruguai, que nos separa da Argentina e atravessa com facilidade as cochilas e pradarias que nos unem. Naturalmente, o ensaísta político avulta na obra literária de Sanguinetti. Nela se confundem o jornalista, o escritor e o político, o homem de honra, que se bateu até num duelo para defender um amigo.

Desde cedo, ele examinou as questões que nos fizeram ter intermitentes e devidas intromissões militares na política em toda a América Latina, especialmente no Cone Sul. Defendeu a democracia com coragem e moderação, em que se insere sua progressiva e fun-

damental participação no Partido Colorado, sua ordinária construção, que em breve fará 200 anos e que será, sem dúvida, um dos maiores partidos, organizações partidárias do mundo.

Sanguinetti é um conservador precioso, e aí esta palavra representa mais em espanhol do que na nossa língua. Em que a memória aflui em narrativa preciosa pela simultânea visão do conjunto e das circunstâncias e pelo mergulho pinçado com precisão científica nos detalhes que definem os personagens e os acontecimentos. E do lugar que ele destinou à história, ele teve a oportunidade, como poucos, de observar de perto a uns e outros. *Seus retratos* é um livro que ele escreveu, desde *La Memoria*, é uma obra essencial para conhecer a transição, os séculos e a transição para a democracia. Transição de que, insisto, ele é protagonista e até herói e construtor. Júlio Maria é também um crítico fundamental para as artes plásticas do Uruguai, tendo construído desde cedo uma coleção de arte de importância excepcional. Sua crítica foi, de certo modo, participante na definição dos caminhos que as artes plásticas seguiram ao longo dos últimos 70 anos no seu país.”



O presidente da ABL, Merval Pereira, preside a cerimônia de posse de José Maria Sanguinetti como sócio correspondente.

O menino da sua avó

Por Vera Lúcia de Oliveira*

Tinha muitos janeiros nas costas, mas continuava a ser o menino da sua avó. Já tivera uma vida inteira diante de si, mas não esquecia o grande momento que um ser humano só pode ter uma vez na vida: o despertar do primeiro amor. Assim é a história do narrador de *Línguas* (2021), de Domenico Starnone (SP: Todavia, 2024), romance encantador pelo tom nostálgico, melancólico, que tem como tema o relacionamento familiar, especialmente o do neto com a avó materna. E o grande amor de infância.

A exemplo de outros títulos minimalistas e metonímicos – de grande sucesso entre o público leitor do mundo inteiro, como *Laços*, *Segredos*, *Assombrações* (no qual fala da experiência do avô que se vê na obrigação de cuidar por poucos dias de um netinho terrível de quatro anos) – *Línguas* tem múltipla significação. O narrador-personagem explora desde o dialeto napolitano de sua gente até o estudo de Glotologia que faz na universidade. A língua associada à classe social e ao nível intelectual; a língua como elemento que une e separa as pessoas. Mas havia uma língua especial: a da avó, a língua do amor incondicional pelo neto: “Amor, sim. Duvido que no longo arco da minha vida alguém tenha me dado tanto, um amor que durou mesmo quando se começou a suspeitar que o professor Beganosti se enganara a meu respeito.” (p. 15).

O narrador, que fora menino fantasioso, nos conta sua história, que ganha interesse quando está com oito ou nove anos e tem o seu primeiro deslumbramento ao ver, na sacada do apartamento em frente, uma linda menina fazendo piruetas – perigosamente – no parapeito, como uma bailarina etérea, um anjo de tranças negras:

“Como era linda sua figurinha contra as vidraças reluzentes de sol, de braços erguidos, audaciosa nos saltos, tão exposta à morte. Inclinei-me para que ela me visse bem, pronto a também me atirar no vazio, caso ela caísse.” (p. 8).

Tudo nela era perfeição, até a bela e educada língua que falava com a mãe, tão diferente do rude dialeto que se praticava em sua casa pobre e inculta. Era a sua “senhora”, por quem se bateria como um cavaleiro medieval com o amigo Lello e sacrificaria a própria vida, se preciso. Esse menino vai viver dedicado à imagem da menina, sua Eurídice – a amada de Orfeu –, a quem um dia foi desafortunadamente resgatar do mundo dos mortos. Starnone faz um comvente paralelo entre esse mito e a história de seu protagonista, sujeito sensível, marcado a ferro pelo destino. Assim, o fantasma da morte é um tema importante no romance, desde as primei-

ras brincadeiras arriscadas e macabras do menino depressivo até a dura realidade de suas perdas.

O amor e a onipresença da avó na vida do neto nos remetem ao maravilhoso *O Primeiro Homem*, autobiografia em que Albert Camus narra a infância na Argélia, na casa, também pobre, comandada pela avó, também analfabeta, que marcou profundamente sua infância. São histórias emocionantes do amor de quem dá o que não tem. Disse Lacan que “amar se aprende sendo amado”. É o que vemos nos dois livros. E em especial em *Línguas*, em que, inconscientemente, o menino transfere o amor, e mesmo a idolatria da avó, para a menina bailarina do espaço. O que a avó fez não tem comparação, pois, sem nada pedir em troca (aliás, criticada pelo menino impiedoso que muitas vezes dela se envergonhava), dotou-o da capacidade infinita de amar. E de ser muito imaginativo para ludibriar a dura realidade que o cercava.

Nesse despertar precoce para o amor, o menino tem a avó como “cúmplice” de seu apaixonamento, e, como pessoa experiente, vai ajudá-lo, ouvi-lo. Escuta que é o diferencial na sua infância. Essa avó feia, maltratada pelo tempo, pela pobreza e pela humilhação de ter de viver como “serva” na casa do genro (que a desrespeita horivelmente), reduzida à condição de peça da casa, tudo suporta por amor ao neto, objeto absoluto de sua dedicação e razão de viver. Diz ele:

“A única com quem eu me mostrava nervoso ou angustiado e que, malgrado minha ingratidão, continuou me apoiando todos os dias enquanto viveu, com seu puro e simples estar nos espaços designados – a cozinha, a pia, o fogão, a mesa, a janela –, sem nunca exprimir a mínima dúvida sobre meu futuro clamoroso, foi naturalmente minha avó. Minha entrada na universidade multiplicou sua sujeição em relação a mim e, ao mesmo tempo, toda manifestação possível de idolatria.” (p. 69).

A mesma avó que o menino descobre linda quando jovem também amou e foi feliz. É essa carga simbólica do amor familiar que lhe é transmitida, modelo para o futuro avô, uma

vez que o pai é quase figura ausente, sendo “substituído” por uma velha fotografia do belo avô materno – com quem o menino se parecia (motivo talvez da adoração da avó), idealizado por sua coragem, representada por um bastão que porta garbosamente, e que, em análise psicanalítica, tem muita significação.

Assim, os avós dão força moral e exercem papel duplamente importante na estrutura emocional do neto que, diferentemente de Orfeu, ao olhar para trás, resgatou seus mortos tornando-os vivos na memória e não, espectros. E o menino, agora avô, vive o luto eterno, nunca elaborado, fiel ao amor das duas mulheres que marcaram a sua vida.

*Vera Lúcia Oliveira é membro da Academia Brasileira de Letras.



Em todos os momentos da sua vida,
**o comércio de bens,
serviços e turismo está lá.**

#emtodososmomentos



A vida é feita de emoção. De sonhos e conquistas.
De planejamento e realização. E em todos os momentos, pode olhar:
O comércio de bens, serviços e turismo está sempre ao seu lado.
Trabalhamos para que esses setores sejam fortes e gerem emprego e renda.
Mas, principalmente, que eles façam a sua vida muito especial.

**CNC. Em todos os
momentos da sua vida.**

Miguel Torga

Por Getúlio Marcos Pereira Neves*

Lembra-me o genealogista Paulo Stuck Moraes, do Colégio Brasileiro de Genealogia, que em janeiro fez trinta anos da morte de Miguel Torga. De seu nome, Adolfo Correia da Rocha. Transmontano, era natural de São Martinho de Antas, nas cercanias do Douro, o rio quase mítico que corta as terras do norte de Portugal. Terras que ressurgem mágicas da escrita de Torga. Faleceu em Coimbra, a 17 de janeiro de 1995.

Há anos visitei São Martinho de Antas. Vi a casa que foi dele, o que restou do negrilho na praça, um trecho da serra onde ia caçar perdizes e que sua pena transformava em montanhas pujantes. Encerrei o périplo no cemitério da igreja local, onde em campa quase anônima repousam o autor e a esposa. Ele, repito, há 30 anos.

Sua obra é humanista, no sentido de reconhecer ao homem, ao indivíduo que trabalha a terra, o protagonismo na existência em meio à natureza agreste da paisagem duriense que lhe moldou o imaginário e a visão de mundo. É essa visão de mundo, assim externada, que parece levar a interpretações de “revolta” do autor contra a divindade, uma das possibilidades de interpretação. Mas, para Torga, o divino era percebido sob outra ótica: a da divindade da terra, nela integrado o homem que exaltou na sua literatura, porque interagindo com a terra justificava o homem sua própria existência como ser humano.

Em tempos de revisionismos, de rotulações e reinterpretaciones, é lícito indagar: terá a obra de Miguel Torga resistido à passagem do tempo? Aquele Portugal rural e quase mítico (é a

palavra que me vem ao pensar no universo torguiano), aquele país que é o retratado por ele, existirá ainda? Ou por outra, a sua obra ficcional ainda fará sentido? A resposta que há tempos me ocorre é: que importa? A literatura de Miguel Torga retrata um instante histórico-geográfico, um ponto da evolução histórica da sociedade que o produziu e por ele eternizada nos contos e, em certa medida, nos demais escritos que deixou. Universal não só por focar a(s) sua(s) aldeia(s), mas por enfocá-la(s) como o historiador que, antes de se preocupar com as linhas-de-força determinantes de um certo processo histórico, ocupe-se de um determinado acontecimento ou um determinado estágio da evolução de uma instituição. Um retratista, insistindo na imagem que usei acima.

Adolfo Correia da Rocha era médico otorrinolaringologista. Não era raro vê-lo pelas ruas de Coimbra casmurro e ensimesmado, relembram contemporâneos. Alguns relatos ouvi da boca de conterrâneos seus nesse sentido. Traço de caráter, sem dúvida; mas sem dúvida outra razão havia: certamente ia meditando o profissional médico nas dores humanas com que diariamente se deparava e que por ofício tratava, e que certamente serviam de material ao escritor Miguel Torga para seus caracteres literários. Ou para os poemas e reflexões enfeixados nos *Diários* e que revelam a agudeza de sua percepção de mundo.

Na rua Miguel Torga, em São Martinho de Antas, fica o Espaço Miguel Torga, que tem como principal função a divulgação da obra do escritor. Funciona como centro cultural e tem agenda diversificada, como se vê do site. Integra seu acervo o livro *Miguel Torga: Costados*, de Paulo Stuck Moraes, que tive o prazer de prefaciar, concluindo que “esse segmento da obra de Torga é o espelho de uma época e de um modo de vida que nos ajuda a entender o espírito de um povo”. O que confere a sua obra um caráter imorredouro.

*Getúlio Marcos Pereira Neves é membro do PEN Clube do Brasil.

Adeus ao saudoso Marcos Vilaça

Manoela Ferrari

Ex-presidente da Academia Brasileira de Letras (ABL) nos biênios 2006-2007 e 2010-2011, o acadêmico Marcos Vilaça, falecido no dia 29 de março, deixou saudosos seus colegas na instituição, onde ocupava a cadeira 26 desde que foi eleito, em 1985, na sucessão de Mauro Mota.

Na Academia Pernambucana de Letras, foi o primeiro ocupante da cadeira 35, tendo sido eleito em 30 de outubro de 1965, e tomado posse em 18 de novembro do mesmo ano. Era o mais antigo membro. Foi seu presidente no biênio 1970-1972.

Filho único de Antônio e Evalda Vilaça, o professor, advogado, jornalista, ensaísta e poeta Marcos Vinícios Rodrigues Vilaça nasceu em Nazaré da Mata (PE), em 30 de junho de 1939. Foi casado com Maria do Carmo Duarte Vilaça (já falecida), com quem teve três filhos: o marchand Marcantônio (falecido em 2000), Rodrigo Otaviano e Taciana Cecília.

Com uma trajetória marcante na cultura e na vida pública brasileira, Vilaça esteve à frente do Conselho Consultivo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e da Fundação Nacional de Artes (Funarte). Foi ministro do Tribunal de Contas da União (TCU) por mais de 20 anos; e secretário de Cultura no Ministério da Educação e Cultura, quando foi responsável pelo tombamento de Olinda, Pernambuco, e São Miguel das Missões, no Rio Grande do Sul, como patrimônios da humanidade. Bem como a Mata do Iguaçu, reconhecida como patrimônio natural da humanidade, em 1986; e o Paço Imperial, no Rio de Janeiro.

Entre suas obras, destacam-se *Nordeste: Secos & Molhados* (1972), *O Tempo e o Sonho* (1984), *Recife Azul, Líquido do Céu* (1972) e *Por uma Política Nacional de Cultura* (1984). Sua produção literária começou ainda na juventude, com obras como *A Escola e Limoeiro* (1958) e *Em Torno da Sociologia do Caminhão* (1961), premiada pela Academia Pernambucana de

Letras. Junto com Roberto Cavalcanti, escreveu *Coronel, Coronéis: Apogeu e declínio do coronelismo no nordeste*, considerado um clássico sobre as estruturas de poder na região dominada por coronéis.

Ligado ao ex-presidente José Sarney, que o nomeou para o Tribunal de Contas da União e o recebeu na ABL, Vilaça ocupou diversos cargos na área cultural. Foi professor de Direito Internacional na Universidade Católica de Pernambuco, diretor da Caixa Econômica Federal e secretário de cultura no Ministério da Educação e Cultura, entre outras ocupações de relevo.

Vítima de falência múltipla de órgãos, o advogado, jornalista e escritor pernambucano faleceu em Recife, aos 85 anos. Com forte contribuição política, cultural e social, seu legado será para sempre lembrado.



Posse de Tadros na Academia Carioca de Letras

Por Manoela Ferrari

O presidente do Sistema Confederação Nacional do Comércio – Sesc/Senac, José Roberto Tadros, tomou posse na cadeira número 9 da Academia Carioca de Letras, que celebra 99 anos este ano.

Durante a cerimônia de posse, que aconteceu na sede da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), no Rio de Janeiro, o reitor da Universidade Santa Úrsula, Paulo Alonso, fez um belo discurso de saudação, destacando seu papel na educação, como professor e também à frente do Sesc e do Senac no Amazonas e, hoje, em âmbito nacional, bem como seu reconhecimento com diversas honrarias nacionais, estaduais e municipais: “José Roberto Tadros reúne qualidades raras: ética, disciplina, coragem e visão transformadora. Sua trajetória é marcada pela inovação e pelo compromisso com a cultura e a sociedade.”

Paulo Alonso ressaltou que Tadros foi eleito por aclamação pelos 40 acadêmicos e acadêmicas que compõem a entidade – que vai celebrar seu centenário em 2025 – destacando suas origens e raízes sólidas: “O homenageado é, como ensina Confúcio, de fato um homem de valor e é capaz de ser generoso sem ser pródigo; fazer o povo trabalhar sem nele suscitar ressentimentos; ter aspirações sem ser ávido; ser grandioso sem ser arrogante; ter autoridade sem ser duro. José Roberto Tadros é integrante da quarta geração de uma família de industriais e comerciantes, com experiência de 145 anos de trabalhos prestados ao desenvolvimento da Região Amazônica.”

Em seu discurso de agradecimento, o novo acadêmico saudou os presentes e os antigos membros da entidade, incluindo o patrono da cadeira número 9, Martins Pena, o fundador Alvarenga Peixoto e seu

último antecessor, Gilberto Mendonça Teles: “A Academia Carioca de Letras nos une no tempo e na história, sobretudo contra o esquecimento e em memória de todos que por aqui passaram. Evoco a grandeza dos que vieram antes de mim, enaltecendo suas obras e seus exemplos de vida. Assim, a memória perdura, justificando a imortalidade que a Academia nos confere. Minha gratidão sincera a cada um e a cada uma que acreditou na minha capacidade de continuar a luta e a defesa da literatura e cultura”, assinalou Tadros, ressaltando o papel da Academia: “Promover a Cultura é desafio interminável, que convoca o melhor da inteligência humana, o engajamento do corpo e da alma e a sincera adesão do sentimento. Se não houver o brilho nos olhos, não adianta. É ele que expressa o alinhamento entre a palavra e a ação. E promover a Cultura é agir. É interferir na realidade. É provocar a mudança. É tornar o mundo mais belo e mais instigante. É propor às pessoas uma análise nova e surpreendente sobre a realidade. É o que a cidadania pede, hoje, de entidades como a nossa Academia Carioca de Letras.”

Também estiveram presentes à mesa da posse o ex-ministro e consultor da Presidência da CNC, Bernardo Cabral; o presidente da Academia de Letras Jurídicas, Francisco Amaral Neto; o presidente do PEN Clube do Brasil, Ricardo Cravo Albin; o presidente do Instituto dos Advogados Brasileiros, Sydney Sanches; o acadêmico Arno Wehling; a presidente da Academia Carioca de Direito, Rita Cortez; e a presidente da Academia Luso-Brasileira de Letras, Maria Amélia Palladino.



O ex-ministro e consultor da Presidência da CNC, Bernardo Cabral, com o acadêmico José Roberto Tadros.

**Toda teoria
tem um Lado
PRático.
ESTÁGIO**
o lado prático de toda teoria.

Estudante, o CIEE oferece diversas oportunidades para você aprimorar os seus conhecimentos e colocá-los em prática.

Conheça alguns serviços ofertados:

- ▣ PROGRAMAS DE ESTÁGIO
- ▣ PROGRAMAS DE APRENDIZAGEM
- ▣ WORKSHOPS E PALESTRAS
- ▣ CURSOS GRATUITOS (em nosso site)

FAÇA AGORA O SEU CADASTRO !

INFORMAÇÕES:
Disque Estudante
(21) 3535-4545



Cadastre-se através do site www.ciee.org.br

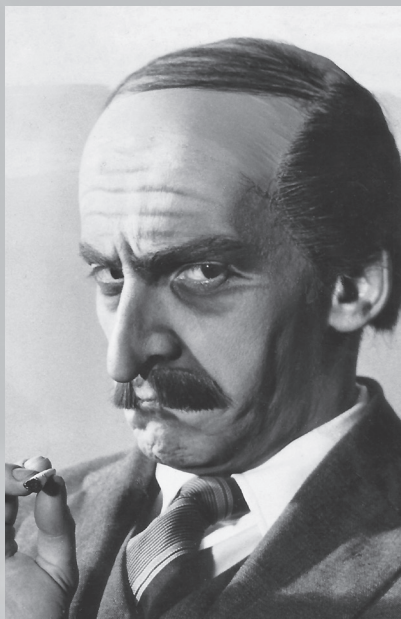




Somos todos irmãos. TV Tupi.
São Paulo, 1966. Acervo NL-SC.



O homem da flor na boca. TBC. São Paulo.
1950. Acervo NL-SC. Foto: Fredi Kleemann.



O comício. Teatro Bela Vista.
São Paulo, 1957. Acervo NL-SC.

UM ÍCONE DA DRAMATURGIA BRASILEIRA



Fenômeno dos palcos e das telas, Sérgio Cardoso tornou-se referência para outros companheiros de profissão. Contemporâneo de nomes como Fernanda Montenegro e Paulo Autran, sua morte prematura, aos 47 anos, comoveu o país. Neste livro, Jamil Dias resgata a trajetória do ator, diretor e empresário teatral, revelando um legado inesquecível para a dramaturgia brasileira.

sescsp.org.br/edicoes

   /edicoessescsp

edições
Sesc